



Morte, espaço e memória Tanatório em Penafiel

Patricia Manuela Duarte Ferreira

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Arquitetura

(Mestrado integrado)

Versão final após defesa

Orientador: Prof^a. Doutora Rita Ochoa

Co-orientador: Prof^a. Doutora Miriam Ruiz Iñigo


abril de 2023

Declaração de Integridade

Eu, Patricia Manuela Duarte Ferreira, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição 39941 de Arquitetura da Faculdade de Engenharia, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 31 /01 /2023

A handwritten signature in black ink that reads "Patricia Manuela Duarte Ferreira". The signature is written in a cursive style and is centered on the page.

(assinatura conforme Cartão de Cidadão ou preferencialmente
assinatura digital no documento original se naquele mesmo formato)

Dedicatória

À minha avó, Maria Rosa Duarte.

Agradecimentos

Às docentes que tornaram a conclusão deste capítulo possível e mais especial. À minha orientadora Professora Rita Ochoa, e coorientadora Professora Miriam Ruiz Iñigo, pelo apoio, tempo e dedicação a este trabalho, mas acima de tudo, por acreditarem em mim.

A todos os docentes com quem tive o prazer de me cruzar ao longo deste percurso académico, pela partilha de conhecimento e entusiasmo.

Aos Irmãos Moreira Lda, por me fornecerem todos os dados topográficos do terreno e por me permitirem as visitas constantes. À Funerária da Calçada por me acompanhar na visita ao centro Hospitalar Tâmega e Sousa, em especial à Rute pela paciência, disponibilidade e apoio em todas as questões colocadas ao longo do processo. Ao engenheiro Rui Calejo da Câmara de Matosinhos, por me permitir e acompanhar na visita ao Tanatório contribuindo com informações que foram valiosas no desenvolvimento do trabalho.

Aos amigos que perto ou longe torceram por mim e em especial, ao José Chitongua, ao António Diogo, ao Aldair Stefan e à Hannah Figliolino, por acompanharem o trabalho e por terem contribuído com as suas críticas e sugestões para a sua evolução.

Ao David, pelo companheirismo, presença, apoio e amor ao longo desta caminhada.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à minha família, em especial aos meus pais Manuela Duarte e José Ferreira, pela oportunidade de formação académica, por toda a força e cumplicidade no meu crescimento e desenvolvimento.

Resumo

A presente dissertação consiste numa investigação em torno da conceção de um Tanatório, com aplicação prática no contexto específico da cidade de Penafiel. A morte é um acontecimento inerente à vida que necessita de um espaço próprio para a sua celebração. O Tanatório é atualmente uma opção arquitetónica frequente na Europa e que dá resposta a esta necessidade, possibilitando que haja espaços para diversos rituais para além dos previstos pela religião católica, que se tornam cada vez mais e importantes em termos simbólicos. Sendo este um espaço dedicado à celebração do ritual da morte, o edifício que o conforma deve ser capaz de acolher um programa com requisitos específicos no que diz respeito às emoções humanas. Assim sendo, são explorados exemplos através de estudos práticos e visitas *in situ*, ajudando na tarefa de definir um programa para o projeto e para, no geral, melhor compreender os requisitos deste tipo de edifício.

O Tanatório é aqui entendido como um espaço que liga a morte a um lugar físico de memória e que acolhe sentimentos de sofrimento e a aceitação perante a perda. Este projeto conceptualiza-se dando forma a um local de encontro entre os vivos e os mortos. Desta forma, propõe-se como enquadramento teórico ao projeto, o tema da arquitetura fúnebre e as suas transformações e relações com a metrópole no decorrer das últimas décadas, em particular na Europa. São igualmente analisados elementos específicos sobre a cidade de Penafiel e a pertinência da implementação deste equipamento nesse contexto específico, tal como o estudo concreto do terreno escolhido, apontando para o desenho de estratégias que definam um espaço próprio e o mais adequado possível para esse efeito.

Palavras-chave

Tanatório; Memória; Arquitetura; Fúnebre; Ritual; Luto; Cidade de Penafiel;

Abstract

This dissertation consists of an investigation around the design of a Tanatorium, with practical application in the specific context of the city of Penafiel. Death is an event inherent to life that needs its own space for its celebration. The Tanatorium is currently a frequent architectural option in Europe and responds to this need, allowing spaces for various rituals beyond those provided by the Catholic religion, which are becoming increasingly important in symbolic terms. Since this is a space dedicated to the celebration of the death ritual, the building that forms it must be able to accommodate a program with specific requirements with regard to human emotions. Therefore, examples are explored through practical studies and on-site visits, helping in the task of defining a program for the project and, in general, to better understand the requirements of this type of building.

The Tanatorium is understood here as a space that links death to a physical place of memory and that welcomes feelings of suffering and acceptance of the loss. This project conceptualizes itself by forming a meeting place between the living and the dead. In this way, it is proposed as a theoretical framework for the project, the theme of funeral architecture and its transformations and relations with the metropolis over the last decades, particularly in Europe. Specific elements about the city of Penafiel and the pertinence of implementing this equipment in this specific context are also analysed, such as the concrete study of the chosen terrain, pointing to the design of strategies that define a space of its own and as suitable as possible for this purpose.

Keywords

Thanatory; Memory; Architecture; Funeral; Ritual; Mourning; City of Penafiel;

Índice

PARTE I

GLOSSÁRIO.....	1
INTRODUÇÃO.....	4
OBJETIVOS	6
METODOLOGIA.....	8
ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	10

PARTE II

DA METRÓPOLE À NECRÓPOLE.....	12
TANATÓRIOS – DA EUROPA A PORTUGAL	18

PARTE III

O LUGAR.....	22
Primeiras considerações	28
Abordagem conceptual	32
Mapa de referências.....	34
Pressupostos prévios	36
Do conceito às estratégias de apropriação.....	39
DO PROGRAMA À FORMA	42
O programa.....	47
A forma	52
A materialidade.....	54

PARTE IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS.....	59

Lista de Figuras

Figura 1- Diagrama conceptual espaciotemporal da inclusão da necrópole na metrópole Fonte: Rita Figueiredo na Dissertação de Mestrado em Arquitetura, intitulada: Espaços de Sombra, ensaio projetual de um Tanatório para o Porto, FAUP, (2019).....	13
Figura 2- Estudo conceptual da evolução da arquitetura fúnebre na Europa, Fonte: Autora, (2022)	17
Figura 3- Zonas de alcance dos Tanatórios de Matozinhos e Braga num raio de 30km, Fonte: Autora, (2022).....	19
Figura 4- Esquços do estudo funcional e programático do Tanatório de León, Fonte: Autora, (2022)	20
Figura 5- Esquço de estudo funcional e programático do crematório de Woodland, Fonte: Autora, (2022).....	21
Figura 6- Planta de localização da cidade de Penafiel, Fonte: Autora, (2022)	23
Figura 7- Planta de localização do terreno de intervenção na zona rural, Fonte: Autora, (2022)	25
Figura 8- "Rezas à porta" na igreja do Gatão em Penafiel, Fonte: Arquivo Municipal de Penafiel, (1967)	27
Figura 9- Fotografia na rua da Algaria - acesso principal ao terreno, Fonte: Autora, (2022)	29
Figura 10- Levantamento fotográfico no terreno, Fonte: Autora (2022).....	30
Figura 11- Levantamento Fotográfico no terreno, Fonte: Autora (2022)	31
Figura 12- Montagem de processos entre maquetes e esquços conceptuais, Fonte: Autora (2022)	33
Figura 13- Mercado do carandá, Souto de Moura, Fonte: Arquitectura Viva (2002) ...	35
Figura 14- Casa Mesetti, Paulo Mendes da Rocha, Fonte: António Mesetti (2018).....	35
Figura 15- Biblioteca em Viana do Castelo, Siza Vieira, Fonte: Espaço da arquitetura, (2018).....	35
Figura 16- Parque natural do Fogo, OTTO, Fonte: Archdaily (2019).....	35
Figura 17- Colégio oficial de arquitetos, Salamanca, Fonte: Arquitectura Viva (2010)...	35
Figura 18- Inagawa cemitério, David Chipperfield, Fonte: Arquitectura Viva (2017) ...	35
Figura 19- Faculdade de Ciências Sociais, Pamplona, Fonte: Wikiarquitectura (1996)	35
Figura 20- Museu Lee Ufan, Tadao Ando, Fonte: Archdaily (2010).....	35
Figura 21- Balneário de la fuente, Las Palmas, Fonte: Arquitectura Viva (2015)	35

Figura 22- Shift, Richard Serra, Fonte: Nevadaart (1972).....	35
Figura 23- Terminal intermodal de Campanhã, Brandão Costa, Fonte: Brandão Costa (2016).....	35
Figura 24- North Pavilion in Venice, Sverre Fehn, Fonte: Arquitectura Viva (1962)	35
Figura 25- Átrio da Alhambra, Siza Vieira, Fonte: Archdaily (2010)	35
Figura 26- Museu provincial de Zamora, Mansilla y Tunon, Fonte: Arquitectura Viva (1996)	35
Figura 27- Saya park, Siza Vieira e Carlos Castanheira, Fonte: Fernando Guerra (2018)	35
Figura 28- Tanatário de Matosinhos, Luisa Valente, Fonte: Autora (2023).....	36
Figura 29- Tanatário de León, BAAS, Fonte: Autora (2021).....	36
Figura 30- Cemitério de igualada, Miralles, Fonte: Archdaily (2013).....	36
Figura 31- Igreja da luz, Tadao Ando, Fonte: Archdaily (2000)	36
Figura 32- Cemitério e santuário de Brion, Carlos Scarpa, Fonte: Carloscarpa (1980)	36
Figura 33- Crematório de Seijengem, KANN, Fonte: Floornature (2012).....	36
Figura 34- Cemitério, César Portela, Fonte: cesárportela (2000).....	36
Figura 35- Escola Superior de Comunicação Social, Carrilho da Graça, Fonte: Carrilhodagraça (2015).....	36
Figura 36- Piscina das marés, Siza Vieira, Fonte: Espaço da Arquitetura (2018)	36
Figura 37- Mausoleu fosse ardeantine, Roma, Fonte: Nomada (1999)	36
Figura 38- Menina à Janela, Salvador Dali, Fonte: ResearchGate (2014)	36
Figura 39- Crematório Uitzicht, Souto de Moura, Fonte: Arquitectura Viva (2012)	36
Figura 40- El Tindaya, Eduardo Chillida, Fonte: Espaço da Arquitectura (1996)	36
Figura 41- Passeio arquitetónico, Dimitris Pikionis (Fonte: Arquitectura Viva, 1999)..	36
Figura 42- Igreja Santa Maria, Siza Vieira, Fonte: Archdaily (2012)	36
Figura 43- Fotografia aérea sobre o terreno e localização dos diferentes acessos, Fonte: Autora (2022).....	40
Figura 44- Levantamento fotográfico da visita in situ ao Tanatário de León, Fonte: Autora (2022).....	43
Figura 45- Fotografia da visita in situ ao espaço mortuário do Centro Hospitalar do Tâmega e Sousa, Fonte: Autora (2022)	44
Figura 46- Levantamento Fotográfico da visita in situ ao Tanatário de Matosinhos, Fonte: Autora (2022)	45
Figura 47- Levantamento fotográfico da visita in situ ao Tanatário de Matosinhos, Fonte: Autora (2022).....	46
Figura 48- Tabela de áreas, Fonte: Autora (2022).....	49

Figura 49- Axonometria explodida do volume, organização programática e funcional por pisos, Fonte: Autora (2022).....	53
Figura 50- Axonometria isométrica do volume inserido no terreno, Fonte: Autora (2022)	53

Glossário

CÂMARA ARDENTE: Compartimento destinado à exposição do cadáver até à hora do funeral.

CASA MORTUÁRIA: Espaço destinado ao repouso dos restos mortais até à hora do funeral.

COLUMBÁRIO: Lugar onde são depositadas as urnas dos falecidos após a cremação do cadáver.

CREMATÓRIO: Lugar estabelecido para a realização de cremações, onde os cadáveres são reduzidos a cinzas através do fogo.

DOLMENS: Monumento tumular pré-histórico, formado por uma grande pedra achatada colocada sobre outras em posição vertical.

INUMAÇÃO: Consiste no ato de colocar o cadáver numa sepultura, cova ou jazigo.

MAUSOLÉUS: Tipo de construção fúnebre que se impões pelas suas dimensões grandiosas, este monumento funerário guarda no seu interior os restos mortais de um ou mais membros da mesma família.

MENIRES: Monumento tumular pré-histórico de pedra, colocado no solo de forma vertical, variando no tamanho e altura.

MORGUE: Local onde são guardados temporariamente os cadáveres. É aqui que o corpo é identificado ou reconhecido pelos familiares antes das celebrações fúnebres. Além disso é também o local onde se realizam as autopsias para determinar as causas do falecimento, localizadas normalmente em centros hospitalares.

NECRÓPOLE: Nome dado na antiguidade clássica à cidade dos mortos, lugares que se destinavam ao sepultamento dos cadáveres.

SEPULCRO: Câmara mortuária, edificação ou monumento destinado ao sepultamento de um ou vários cadáveres.

SEPULTURA: Lugar ou cova onde são enterrados os cadáveres.

SPULTURA ANTROPOMORFICA: São sepulturas que remonta aos inícios da idade média, esculpidas na rocha, normalmente cobertas por uma tampa do mesmo material ou apenas com terra e pedras. Estas destinadas ao ritual de inumação de cadáveres.

TANATÓRIO: Conjunto de instalações destinadas a acolher cadáveres antes de estes serem cremados ou sepultados, geralmente preparado para a execução de serviços de Tanopraxia e para a realização de cerimónias fúnebres.

TANATOPRAXIA: Conjunto de procedimentos, técnicas e métodos utilizados por molde a conservar, embalsamar, higienizar, restaurar e cuidar da aparência de um cadáver, de modo a prepará-lo para o velório, funeral ou cerimónia fúnebre, observando os devidos preceitos religiosos e legais.

TEOLOGIA: Ciência ou estudo que se dedica a Deus, às suas características, particularidades e relações estabelecidas com o universo e com o homem.

PARTE I

Introdução

O interesse no estudo da relação entre arquitetura e morte parte da inquietação e curiosidade perante as respostas atuais sobre a mesma. Desde a idade média, notamos que a arquitetura fúnebre evoluiu pouco nas práticas arquitetónicas dos espaços “da morte”, desta forma, sentiu-se a necessidade de estudar e dar uma resposta projetual que de resposta a um espaço dedicado a estes fins.

Tendo em conta o problema da sobrelotação dos atuais cemitérios, da insalubridade destas estruturas nos espaços urbanos e ainda de doenças contagiosas, como o caso da Covid19, a cremação passa a ser vista como o método mais eficaz, rápido, e, que posteriormente, ocupará menos espaço nas necrópoles, retardando o efeito das consequências mencionadas. Assim sendo, verifica-se a necessidade de otimizar arquitetonicamente as tipologias fúnebres ao nível programático e funcional.

A partir destas questões, o Tanatório, surge, como tipologia que acolhe num só espaço as variadas tipologias fúnebres, nomeadamente, casas mortuárias, espaços de celebração do rito, crematório, cemitério e/ou columbário. Apresenta-se como uma tipologia recente em Portugal, e que, no nosso ponto de vista, tendo este um reflexo tardio face ao resto da Europa, terá tendência a expandir pelo resto do país.

“**Morte, espaço e memória**” é o título desta dissertação e leva-nos a dois momentos complementares. O primeiro, transpõe-nos para uma reflexão sobre a arquitetura fúnebre e a sua relação com a cidade ao longo dos tempos, assim como, o crescimento da tipologia Tanatório na Europa e em Portugal. O segundo remete-nos ao lugar e espaço escolhidos, sendo neste momento que o processo de desenho se inicia e evolui, onde o espaço e a memória enquanto tema fundamental prevalecem.

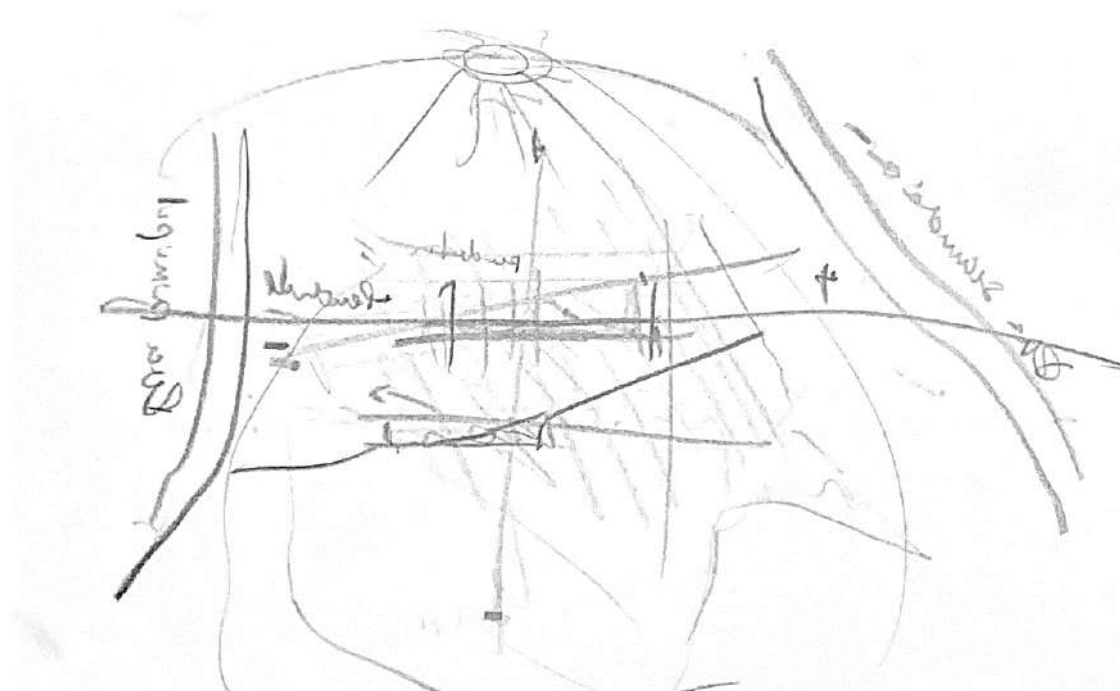
Considera-se que este trabalho ganha pertinência e se torna relevante, na medida em que, procura dar continuidade a uma nova tipologia ainda pouco explorada, sendo que, até à data de redação desta dissertação existem apenas dois Tanatórios em Portugal. Além de que, se localizará na cidade de Penafiel, onde este tipo construção ainda não existe, tornando esta abordagem duplamente pertinente. Tornando desta forma relevante a investigação e a criação de um espaço físico que dê forma a estas necessidades.

Objetivos

O principal objetivo da presente dissertação consiste em compreender em que medida a arquitetura pode contribuir para uma melhor relação entre ritual fúnebre e espaço.

Colocam-se, em paralelo, os seguintes objetivos específicos:

- Explorar o processo de desenho e conceção de um Tanatório, através de uma proposta inserida em contexto urbano, mais concretamente na cidade de Penafiel;
- Sistematizar a evolução da tipologia Tanatório, no contexto da temática da arquitetura fúnebre, na europa e em Portugal;
- Compreender os requisitos técnicos e funcionais para os espaços que o compõem;
- Compreender a lógica funcional e programática à luz de projetos já construídos, noutros contextos e explorar os fatores que possam contribuir para a realização do projeto;
- Apresentar um projeto respeitoso e sensível ao processo de luto a ser enfrentado.



Metodologia

Para o cumprimento dos objetivos antes elencados, a metodologia adotada parte de um conjunto de visitas *in situ*, a projetos de Tanatórios, nomeadamente ao Tanatório de León¹ e ao Tanatório de Matosinhos² e a outros espaços que, no decurso do trabalho foram considerados pertinentes, tais como o espaço mortuário do Centro Hospitalar Tâmega e Sousa.

Por outro lado, a investigação e estudo bibliográfico, que abrange desde a disciplina da arquitetura como ponto de partida fundamental, até outras consideradas pertinentes para o tema, tais como: a sociologia, antropologia, história e até filosofia.

No que diz respeito a uma vertente mais prática foi ainda elaborada uma análise de referências/projetos relevantes sobre o tema, mais concretamente da tipologia Tanatório, sendo que, a metodologia adotada também contempla a análises de projetos de referência similares, nomeadamente, crematórios, capelas, cemitérios e memoriais, tendo estes, programas funcionalmente semelhantes.

As visitas sucessivas e experiência no terreno enquanto espaço a intervir, foram imprescindíveis no âmbito da dissertação, permitindo um olhar crítico e sensorial, suplementado por várias ferramentas próprias da arquitetura, tais como o levantamento topográfico, o registo fotográfico e desenhado, no que diz respeito à conceção do projeto, a realização de maquetas, esquiços e desenhos técnicos.

¹ Tanatório de León – BAAS, 2001

² Tanatório de Matosinhos - Luisa Valente, 2018

Estrutura da dissertação

Com base nos pressupostos e condicionantes até aqui referidas, a dissertação divide-se em quatro partes principais, com os seguintes conteúdos:

Parte I, onde é iniciada a investigação com a exposição dos objetivos e as respetivas metodologias adotadas para o seu desenvolvimento.

Parte II, consiste no estudo da contextualização histórica e evolutiva da arquitetura fúnebre e a sua relação com a metrópole, assim como o estudo da tipologia Tanatório na Europa e Portugal, também a organização funcional do mesmo e as referências tipológicas que auxiliarão na definição do programa.

Parte III, desenvolve o estudo urbano de Penafiel, assim como, as diferentes variáveis que influenciam diretamente a proposta face ao lugar, dispostos no seguinte subcapítulo (*O lugar*), procurando relacionar este ao tema fúnebre. Posteriormente é analisado o espaço especificamente escolhido para a intervenção, sendo aqui refletidos os dados obtidos em trabalho de campo, o levantamento fotográfico e desenhado feito com base nas várias visitas ao local onde surgem as (*Primeiras considerações*). É a partir deste momento e com base no subcapítulo anterior que damos lugar à (*Abordagem conceptual*) materializada pelos conceitos usados e valorizados para a proposta, assim como, os (*pressupostos prévios*) que foram tidos em consideração na fase de projeto.

Uma vez feito o enquadramento urbano e conceptual em que nos inserimos, são explicadas as estratégias prévias de apropriação, e definido o programa face às necessidades anteriormente analisadas, e dando origem à materialização do projeto.

Parte IV, concluímos a dissertação como síntese de ilações e traduções das inquietudes teóricas face às estratégias na concessão de projeto. Partilhamos o desfecho, a absorção dos conhecimentos e as experiências ao longo da evolução deste trabalho.

PARTE II

Da metrópole à necrópole

A arquitetura dos espaços fúnebres, como os cemitérios, monumentos funerários, mausoléus e crematórios é, desde a Pré-História, reflexo da tensão entre o sagrado e o intemporal, entre interesses de ordem política e privada, espelhando ao mesmo tempo as diferenças culturais e sociais de um determinado grupo de pessoas.³ A mudança de paradigma do mundo comandado pela religião para o mundo que se rege através da visão científica e laica deixou marcas nestes espaços, onde as manifestações da celebração fúnebre ganharam independência. Estas marcas são também territoriais e ajudaram a construir a paisagem física e cultural que conhecemos nos dias de hoje, devido à importância material e simbólica que o ser humano dá ao mundo dos vivos e dos mortos.⁴

Os mortos foram os primeiros a ter uma morada permanente, uma caverna, uma cova um tumulo, sendo que, não havia um carácter de coletividade relativamente à memória social e, por isso, só na Antiguidade Clássica é que se começam a surgir as primeiras formas organizadas e conscientes de materialização arquitetónica destes espaços.⁵

Na Roma Antiga, a cremação era o método predominante no período republicano, destinada aos mais ricos. No início do Império, a inumação reapareceu dentro dos limites da cidade, no entanto, o costume terminou.⁶

3 Ayres, Philippe. (1988), *O Homem Perante a Morte*. 1.ed. Lisboa: Europa América

4 Baudrillard, Jean (1996) – *A troca simbólica e a morte II*. 1.a ed. Lisboa : edições 70.

5 Figueiredo, Inês. (2013). *Do cemitério à memória, a imaterialização do espaço mortuário*. (Dissertação de mestrado integrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da universidade do Porto)

6 Ayres, Philippe. (1988), *O Homem Perante a Morte*. 1.ed: Lisboa: Europa América

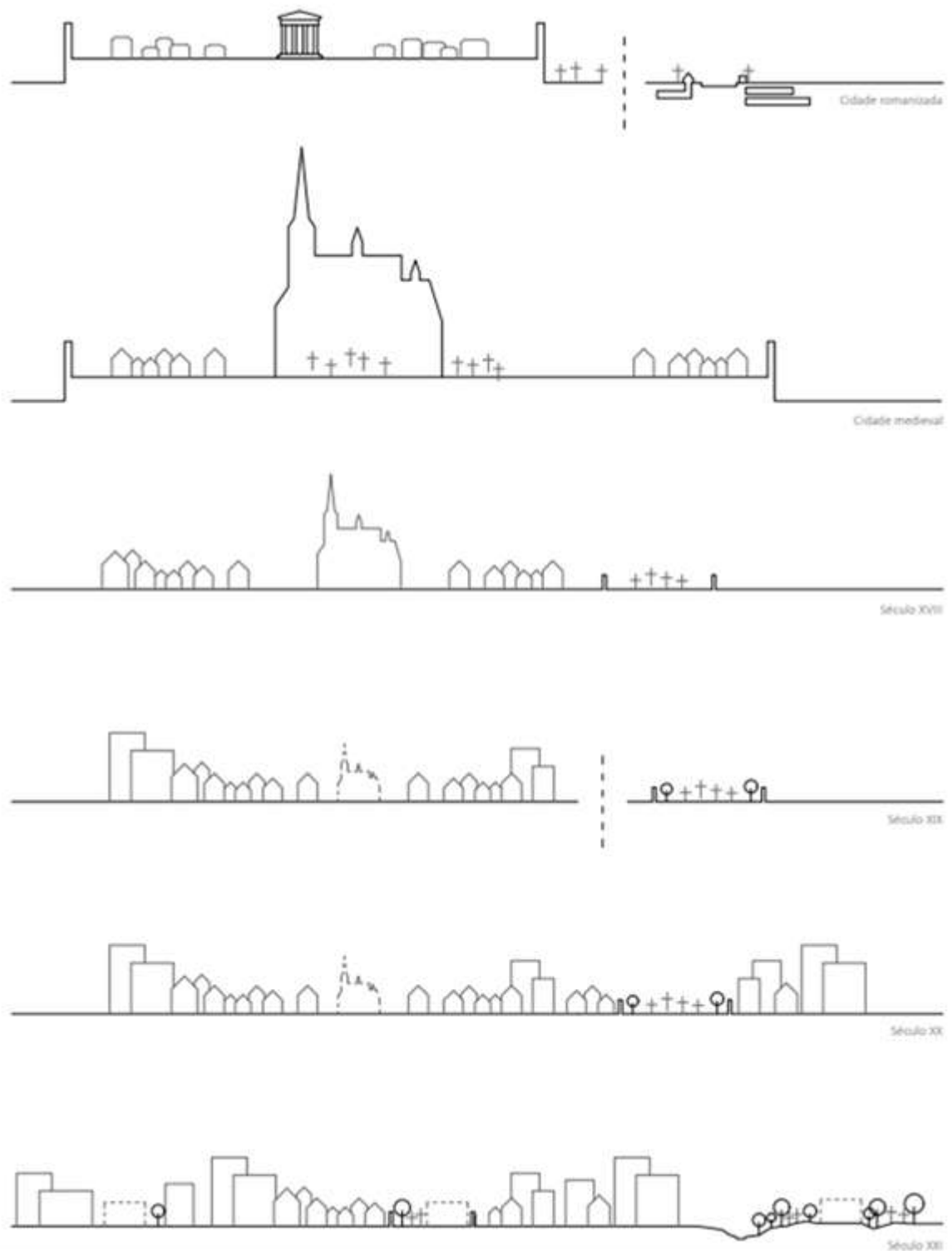


Figura 1- Diagrama conceptual spatiotemporal da inclusão da necrópole na metrópole

Começaram a edificar-se monumentos funerários nas vias de acesso à cidade e junto às muralhas das cidades surgem as primeiras formas de cemitério público, destinado aos mais pobres. A época clássica foi traçando de forma clara a divisão entre a cidade dos vivos (metrópole) e a cidade dos mortos (necrópole).⁷

Mais tarde, liberalizado o culto cristão, estabelece-se a força religiosa e política que ditou o enterramento como referência de costume fúnebre e que perdura até aos dias de hoje. Os corpos passam a ser sepultados intramuros, perto dos locais sacralizados como forma de proteção. Contudo, existia uma clara divisão entre classes sociais. Os interiores dos edifícios religiosos eram reservados para os mais privilegiados, enquanto, o exterior se destinava à vala comum para os mais desfavorecidos.⁸

É no final da Idade Média que podemos observar a mudança nesta prática, sendo desaconselhada a inumação dentro das igrejas pelos concílios católicos. Passam a existir cemitérios comuns a toda a população, localizados nos centros das cidades, a céu aberto e sem muros delimitadores, tornam-se parte integrante da vida quotidiana.⁹

Com a revolução industrial, chegam as preocupações com a saúde pública, as lotações das valas comuns começam a ser focos de infeções e emanações pestilentas que provinham dos corpos em decomposição. Um dos exemplos mais conhecidos nesta época é do Cemitérios dos Santos Inocentes em Paris, que teve de ser desmantelado e as ossadas trasladadas para o local que conhecemos hoje como Catacumbas de Paris. Neste momento o urbanismo moderno repensa o local das necrópoles fora das metrópoles. Os cemitérios são redesenhados, agora, intramuros e com sepulturas individuais.¹⁰

7 Baudrillard, Jean (1996) — A troca simbólica e a morte II. 1.a ed. Lisboa : edições 70.

8 Correia, Rita (2019). Espaços de sombra – Ensaio projetual de um Tanatório para o Porto. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, FAUP

9 Machado, Carlos. Cuidar dos Mortos. Instituto de Sintra (1999), Gráfica European, Lda,

10 Morin, Edgar. (1997). O homem e a morte. Lisboa: Publicações Europa-América.

O aumento da construção de infraestruturas favoreceu a crescimento exponencial das cidades para as periferias, introduzindo novamente os cemitérios na dinâmica citadina. O grande desafio do século XXI seria introduzir novamente a cremação como prática crescente na sociedade, associado a edifícios fúnebres dedicados a este fim. É contemporaneidade que assistimos à construção de novos equipamentos fúnebres, dos quais, crematórios e Tanatórios.¹¹

Em contexto rural, os cemitérios continuam a implantar-se junto da paróquia local, remetendo para o valor sagrado do cemitério na Idade Média. Mais recentemente, século XXI, o desenho destes edifícios tem vindo a completar uma maior relação entre interior e exterior. Consequentemente, tanto o projeto arquitetónico de um Tanatório, como a sua relação com a envolvente paisagística podem ser de fundamental importância para moldar a vivência do espaço daqueles envolvidos nas cerimónias.¹²

Alguns Tanatórios e crematórios surgem associados a cemitérios, ou ocupam os lotes de terreno livres dos mesmos, especialmente, quando englobados no tecido urbano. Esta opção reforça a ideia do espaço tanatológico como espaço protegido, ao implantar-se num espaço sacralizado. Esta estratégia de implantação passa por inserir os equipamentos de Tanatório em zonas urbanizadas, de modo a consolidar o espaço urbano, usufruindo da proximidade a outras áreas centrais. Outra vantagem, consiste na comodidade em associar os diferentes momentos do ritual no mesmo local.¹³

11 Morin, Edgar. (1997). O homem e a morte. Lisboa: Publicações Europa-América.

12 Fernández Galiano, Luís. (1991). Memento Mori: em Una Arquitectura para la Muerte. Sevilha: Grafibéria

13. Machado, Carlos. Cuidar dos Mortos. Instituto de Sintra (1999), Gráfica European, Lda,

Por último, e remetendo para a noção do “*não-lugar*”¹⁴ de Marc Augé, o Tanatório ou crematório pode implantar-se em zonas que enfatizem a funcionalidade deste equipamento. A implantação deste equipamento em terrenos periféricos, longe dos centros urbanos, assim como, em zonas rurais possibilita múltiplas implantações desta tipologia no território. Assim sendo, o Tanatório impõe-se como um edifício autónomo que progressivamente afirma o seu espaço na cidade contemporânea, ao contrário da sua invisibilidade no século passado. Este pode assim ser um elemento de construção do espaço urbano podendo contribuir na atitude contemporânea perante a cremação, pois materializa um espaço arquitetónico que valoriza o momento do ritual.¹⁵

14 Augé, Marc. (1998). Não lugares. Barcelona: Letra livre.

15 Augé, Marc. (1998). Não lugares. Barcelona: Letra livre.

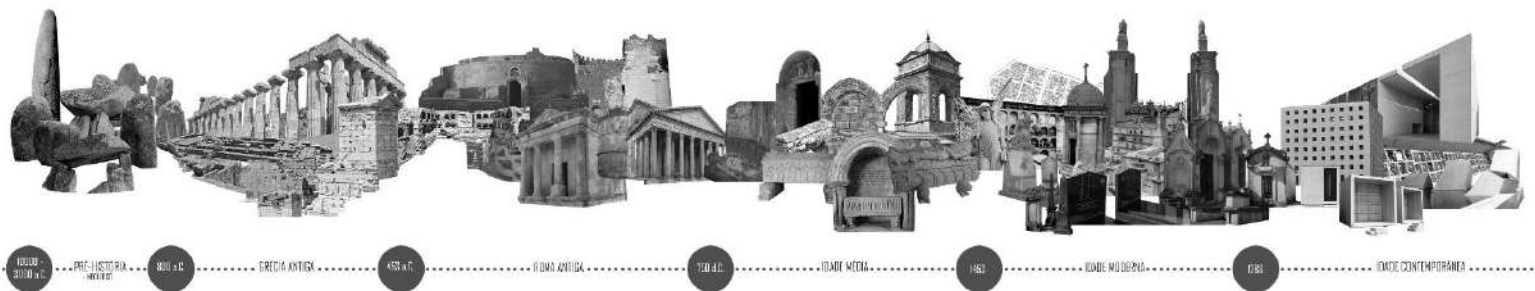


Figura 2- Estudo conceptual da evolução da arquitetura fúnebre na Europa

Tanatórios – da Europa a Portugal

Na Europa, mesmo com a predominância do Cristianismo ao longo de vários séculos, é no séc. XIX que surge um interesse maior e mais generalizado pela cremação. Apesar de o fator teológico ser muito importante para reativação deste método milenar, a componente social foi um outro elemento significativo para caminhar na direção desta prática.¹⁶

O considerável aumento das populações nas grandes cidades na época industrial, fez com que os cemitérios não suportassem o número de mortos, juntamente surge a preocupação sobre o saneamento e a higienização pública. Teriam assim de ser tomadas novas medidas para resolver estas questões. Com a revolução francesa, um novo impulso levou à adoção da cremação e à criação de fornos para a combustão dos corpos assim como estruturas arquitetónicas para esse fim, os crematórios e finalmente os Tanatórios.¹⁷ A palavra Tanatório deriva do termo grego thanatos, o deus grego da morte. O Tanatório é uma tipologia fúnebre que reúne as valências necessárias à preparação dos mortos e respetivas celebrações, como também, possibilita a cremação.

Em Portugal, o processo de aceitação face às cremações foi mais lento, é nas décadas finais do séc. XIX, e princípios do séc. XX que se manifestam os apologistas da cremação, justificando-a como sinal de civilização.¹⁸ Muitos eram os argumentos utilizados, como a higiene, vantagens económicas, homogeneidade social, a extinção da vala comum usada para pessoas desfavorecidas e ainda combater a falta de espaço para covas individuais.¹⁹

16 Queiroz, Francisco. (2005) Portugal in Douglas Davies, Lewis Mtes, Encyclopedia of cremation. Inglaterra: Ashgate Publishing Company

17 Catroga, Fernando.(1999) O Céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos: 1756 -1911, Coimbra: Minerva

18 Queiroz, Francisco. (2005) Portugal in Douglas Davies, Lewis Mtes, Encyclopedia of cremation. Inglaterra: Ashgate Publishing Company

19 Ariès, Philippe. (1988), O Homem Perante a Morte. 1.ed. Lisboa: Europa América

A confirmação de que os cemitérios convencionais estão a chegar ao limite da sua capacidade de lotação, leva novamente ao momento de discussão sobre o repensar da “cidade dos mortos”, sendo, aqui que entram os crematórios e Tanatórios. Estes, mostram-se resultado de uma mudança cultural cada vez mais pragmática e laica. O Tanatário é um edifício especializado e destinado à realização de velórios, constituindo uma alternativa às atuais casas mortuárias.²⁰

O primeiro Tanatário em Portugal foi construído em Matosinhos, no cemitério de Sendim, em 2010. Mais tarde, em 2018, é construído o Tanatário municipal de Braga²¹, localizado no Cemitério de Monte D’Arcos. Estes levantam questões pertinentes em refletir as várias modalidades que poderão assumir e redefinir o espaço da morte no tecido social e na cidade.²²O Tanatário de Matosinhos abrange e assiste toda a zona litoral do grande porto, já no caso do Tanatário Municipal de Braga, este vem servir a zona central do Minho. Compreendem uma distância de 58km entre si e refletem este crescimento tardio da tipologia em Portugal.

Face ao exposto ao longo deste capítulo, somos agora orientados a estudar espaços destas características ou semelhantes que nos possam dar respostas perante as estratégias funcionais e programáticas usadas, facilitando a compreensão da tipologia e dos espaços que a compõem, simplificando posteriormente, o processo na hora de projetar. Para tal, foram realizados estudos concretos dos seguintes espaços: Tanatário de León em Espanha²³ e o Crematório de Woodland na Suécia²⁴. Foi importante perceber como se relacionavam com a envolvente e com terreno, entender os distintos percursos, organização dos espaços e áreas correspondentes.



Figura 3- Zonas de alcance dos Tanatários de Matosinhos e Braga num raio de 30km

20 Maria Manuel Oliveira,(2007) In memoriam: na cidade, Tese de Doutoramento em Arquitetura, Universidade do Minho, Departamento Autónomo de Arquitetura

21 O Tanatário de Braga foi fechado poucos meses depois abertura devido a queixas por libertação de fumos e cheiros que causavam constrangimentos à população, posto isto foram feitas vistorias e estudos sobre a qualidade do ar, dos quias, este cumpria todas as normas das emissões de efluentes gasosos.

22 Maria Manuel Oliveira,(2007) In memoriam: na cidade, Tese de Doutoramento em Arquitetura, Universidade do Minho, Departamento Autónomo de Arquitetura

23 Tanatário de León em Espanha – BAAS, 2001

24 Crematório de Woodland na Suécia - Johan Celsing Arkitektkontor, 2013

REQUERIDOS: BANS ACQUIESCIMA
 LOCALIZAÇÃO: CÓN DORRITA
 ÁREA: 3.200 m²
 ANO: 2000

- inserido em um contexto rural
- uso de materiais reflexos de cultura (fundo espiritual)
- completamente integrado ao espaço dos humidos
- acessibilidade desde o exterior imediato
- com o uso de técnicas para os túmulos.
- quem faz parte do espaço e por isso tem a presença do túmulo

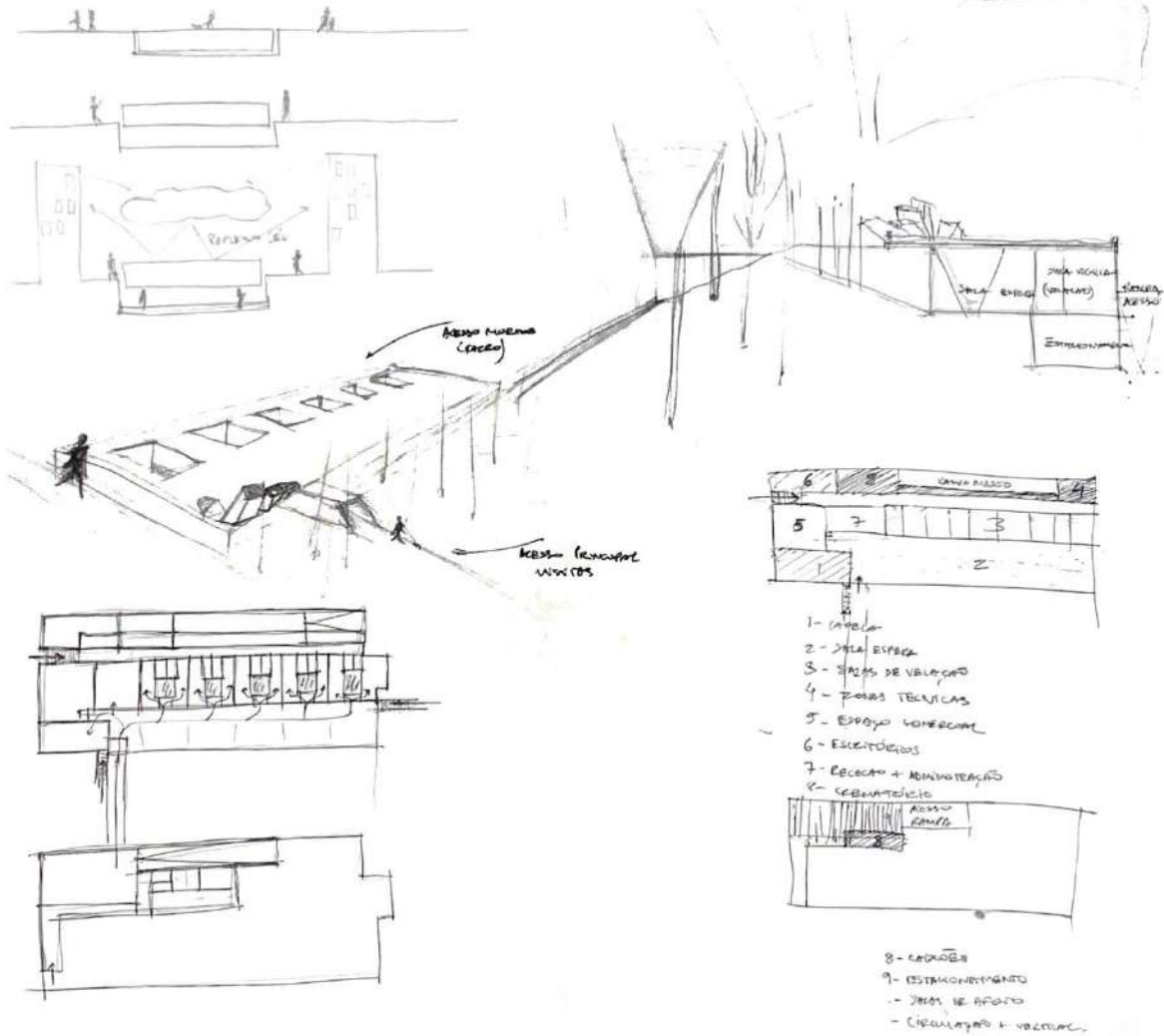


Figura 4- Esquícios do estudo funcional e programático do Tanatório de León

PARTE III

O lugar

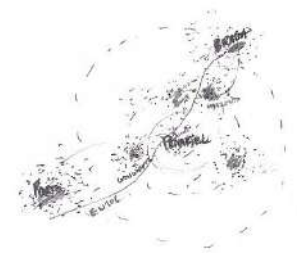
“É uma decisão que vem da ideia comum de que se escolhe um lugar de entre todos os lugares onde construir, um lugar onde os outros também se possam estabelecer. É uma decisão deveras importante, da mesma importância que o posicionamento de um templo grego entre as colinas. De todas as colinas, esta é a colina escolhida para o templo e, então, todas as outras respondem a tal decisão. Essas colinas tornam-se “invisíveis”, a não ser no que diz respeito à decisão da disposição deste elogioso edifício, o que é notável porque nunca esteve lá.”²⁵

Entendemos o lugar como uma dimensão, apropriada e humanizada que carrega memórias, e substâncias vitais onde habita o a ser humano. Por isso, a decisão sobre o local a intervir apresentou-se como uma tarefa exigente.

Num primeiro momento de pesquisa, a escolha do lugar de implantação do Tanatório, refletiu-se na proximidade da autora com a cidade de Penafiel, onde reside. Por outro lado, a pesquisa realizada sobre a existência de Tanatórios em Portugal reflete a possível tendência de expansão desta tipologia nesta região nos anos futuros.

Considera-se assim que Penafiel reúne boas condições de implantação deste equipamento, respondendo aos requisitos da população do concelho.

Uma das metodologias de estudo face ao lugar escolhido para a implantação do projeto, resume-se em estudar as zonas de densidade, de serviços, de fluxos urbanos que permitem uma maior permeabilidade, em vez de definir limites. Assim, projetar especificamente na zona de Penafiel, também significa pensar na conexão entre cidades adjacentes, igualmente no Grande Porto e Minho sendo que se localiza entre elas e poderá assim reduzir a demanda na procura por estes espaços.



²⁵ Lobell, John, (1979) *Between silence and light: spirit in the architecture of Louis Kahn*, Boston: Shambala

O carácter único da cidade de Penafiel é determinado pelas especificidades próprias e pelos fenómenos concretos que a constituem, os quais possibilitam e condicionam as vivências ao criar um determinado ambiente, e que, portanto, forma a sua identidade. Enquanto conceito físico, Penafiel é uma cidade situada no distrito do Porto, pertencente à região norte de Portugal.²⁶

Está localizada no topo e encostas de uma pequena colina, nomeada por Arrifana, entre o rio Sousa e o rio Cavalum, rios afluentes do rio Douro. Esta, foi em tempos diocese, e atualmente permanece como um dos principais eixos urbanos da região de Vale do Sousa e Tâmega.²⁷ Penafiel fica situada a 30 quilómetros a leste da cidade do Porto. É a segunda cidade mais antiga do norte do país e a sua identidade assenta na beleza natural e no seu património cultural, integrando muitos dos monumentos pertencentes à rota do românico.²⁸

O município possui uma densidade populacional considerável de 72 265 habitantes, distribuídos numa ampla área de 212,24 km², este está rodeado pelos municípios de Lousada, Amarante, Marco de Canaveses, Castelo de Paiva, Gondomar e Paredes, dos quais a população variam entre os 16 733 (Castelo de Paiva) e os 164 255 (Gondomar) habitantes.²⁹ O que nos leva a acreditar que Penafiel tem a localização ideal face à sua densidade populacional e dos concelhos que a envolvem para acolher um equipamento desta tipologia.

A história desta cidade constrói a essência do lugar trazendo-lhe identidade, desta forma, a preservação da sua essência torna-se um fator importante a preservar. É importante perceber a evolução dos equipamentos e das tradições fúnebres da cidade de Penafiel, assim como, a mudança de paradigma ao longo do tempo.

²⁶ Penafiel, S. (s.d.). Sistemas de informação geográfica municipal . Obtido de <http://sig.cmpenafiel.pt/geoportal/Geoportal/MapView.aspx?WMID=14>

²⁷ Penafiel, S. (s.d.). Sistemas de informação geográfica municipal . Obtido de <http://sig.cmpenafiel.pt/geoportal/Geoportal/MapView.aspx?WMID=14>

²⁸ Penafiel, S. (s.d.). Sistemas de informação geográfica municipal . Obtido de <http://sig.cmpenafiel.pt/geoportal/Geoportal/MapView.aspx?WMID=14>

²⁹ Penafiel, S. (s.d.). Sistemas de informação geográfica municipal . Obtido de <http://sig.cmpenafiel.pt/geoportal/Geoportal/MapView.aspx?WMID=14>

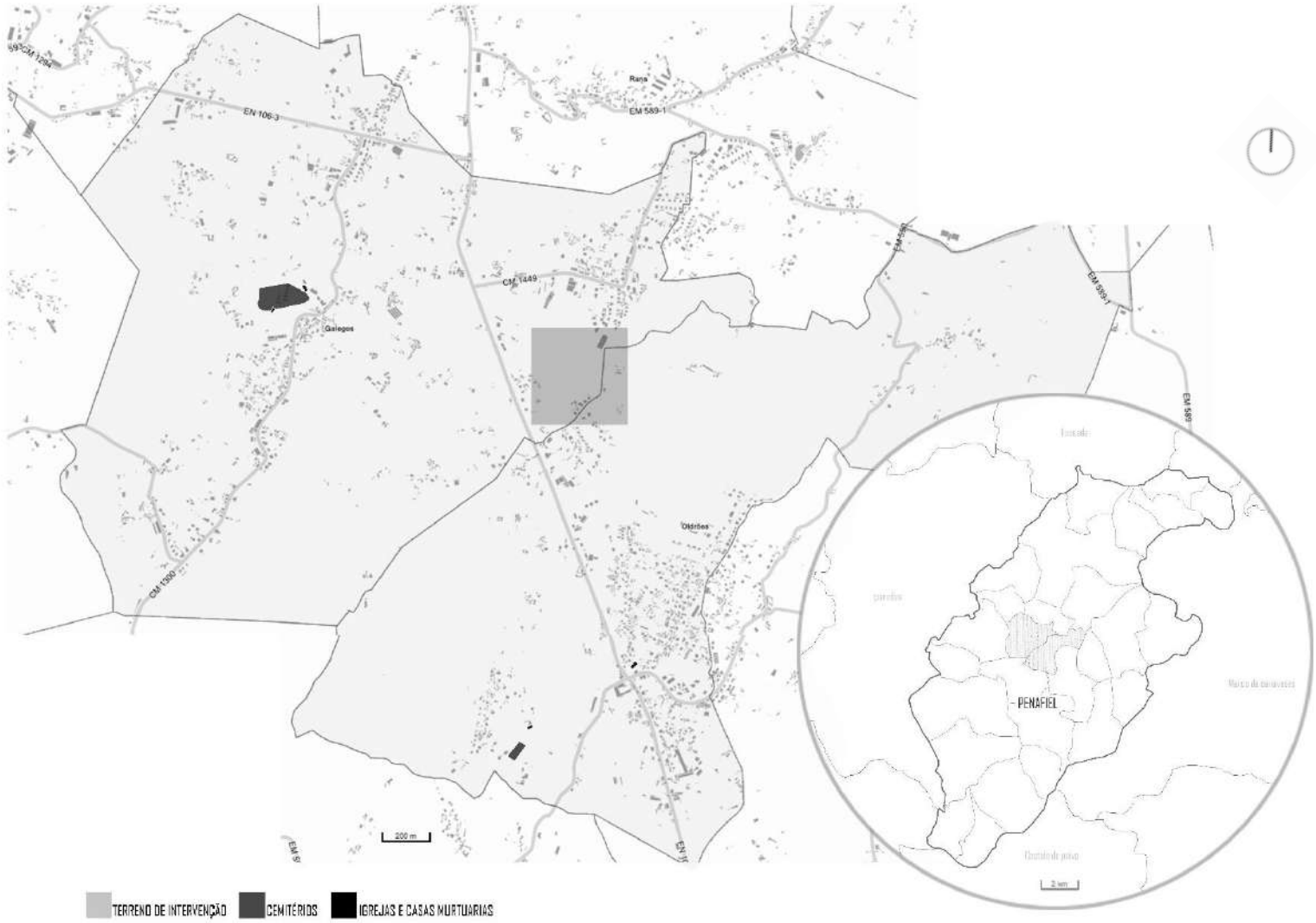
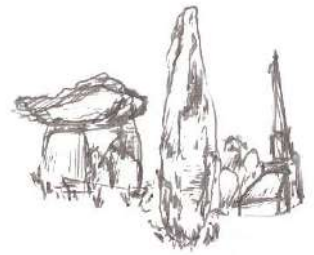


Figura 7- Planta de localização do terreno de intervenção na zona rural

Compreendendo de que forma a intervenção proposta pode interligar o passado, o presente e o futuro, tentando que o processo de aceitação e integração da população perante uma nova tipologia seja positivo. Fazendo uma retrospectiva na linha cronológica da história de Penafiel, focada no tema concreto da arquitetura fúnebre, entendemos que esta foi palco de vários monumentos arquitetónicos funerários, principalmente de cultura megalítica, tais como Dolmens, Menires, marcos sepulcrais e sepulturas antropomórficas. Posteriormente surgem os cemitérios como conhecemos até aos dias de hoje. Face a esta necessidade crescente de sepulcro devido a condições impostas pela religião, aparecem as casas mortuárias, tipologia mais recente de apoio às celebrações fúnebres, onde o corpo fica em repouso junto dos entes queridos até ao dia da celebração e enterro.



Considera-se que a maioria da população da região, cumpre com o tradicional processo imposto pela religião católica, onde, após a morte, o corpo fica em câmara ardente antes da cerimónia e inumação. Posto isto percebemos que o espaço a projetar terá de respeitar as necessidades das diversas religiões e crenças da população, tendo em conta o processo mais comum tradicionalmente usado pela população, facilitando o processo da celebração.

Podemos também considerar que estas tradições, ainda que fúnebres, são a origem do nosso conhecimento perante a morte e o filtro com o qual valorizamos o que nos rodeia, são as memórias que vão dando significado às experiências vividas e que ao fazerem parte das nossas recordações nos inserem num determinado contexto.

“A arquitetura deverá ser, pois, fundada em continuidade com o que a tradição de cada lugar configurou no desenrolar da sua história particular.”³⁰

³⁰ Baeza, Alberto Campo. (2018). A ideia construída. Lisboa: Caleidoscópio



Figura 8- "Rezas à porta" na igreja do Gatão em Penafiel

Primeiras considerações

Uma das primeiras ideias que sustenta a proposta parte da análise sobre o contexto urbano/rural onde este se encontra, resultando na inversão do panorama atual, e apontando para o desenvolvimento de um equipamento em falta.

Assumimos o local a intervir e a partir daqui tentamos compreender o espírito do lugar, de onde percebemos que esta intervenção deverá ter um diálogo equilibrado entre o novo e o existente.

Situado a 6km do centro da cidade de Penafiel, o local de intervenção, pode ser acedido através estrada nacional 106 que liga Porto - Guimarães. É na junção desta com a rua da Algaria que chegamos ao acesso principal do terreno. Esta é uma rua tranquila, delimitada em parte por moradias, o pavimento em blocos de granito conhecido tradicionalmente por calçada, enfatizando a condição rural em que se encontra. (Fig.9)

Intuitivamente somos levados a percorrê-la e chegamos a um momento de abertura onde a natureza predomina e se abre a vista sobre a paisagem. É neste momento que chegamos ao terreno, onde, as frequentes visitas ao local, permitiram entender de forma clara as suas condicionante. Inserido a uma cota mais alta apresenta uma grande frente de rua e com cerca de 58 120 m² e uma grande variação de cotas altimétricas, notamos uma pendente descendente mais acentuada desde extremidade sul até a extremidade norte.

A vegetação rasteira que prevalece no lugar faz-se ouvir com o vento (Fig.10 e 11), condição meteorológica que predomina no local, principalmente no inverno que também é frio e chuvoso. Sendo o verão mais curto e caloroso, equacionamos a introdução de vegetação arbórea no local que permita filtrar e proteger das condicionantes climatéricas. Este é um espaço amplo com muita permeabilidade à luz nos distintos momentos do dia, o que por sua vez conduz à reflexão sobre opções claras e concretas no ato de projetar.



Figura 9- Fotografia na rua da Algaria - acesso principal ao terreno (lado direito na foto)



Figura 10- Levantamento fotográfico no terreno



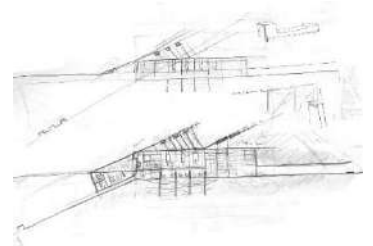
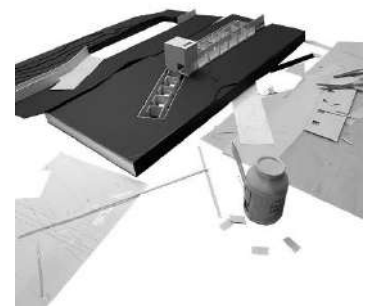
Figura 11- Levantamento Fotográfico no terreno

Abordagem Conceptual

Perante as motivações e reflexões abordadas anteriormente, foram tomadas decisões projetuais que interpretaram o lugar e que responderam ao programa e aos objetivos propostos, sob um olhar conceptual. A ideia que suporta o projeto parte de uma sobreposição de referências e hipóteses, transpostas para o papel refletindo intenções que respondam às necessidades impostas tendo sempre em consideração o local e a sua história.

Conceptualmente, as duas entradas para terreno formalizam a estratégia principal do projeto. A ligação entre estes dois acessos, em linha reta, representa o primeiro conceito: Vida e Morte. Esta linha pretende ligar diretamente e intencionalmente duas situações da qual não temos controlo nas nossas vidas, enfatizando que tudo tem um início e um fim, como uma linha temporal que vamos percorrendo com um único sentido.

Quando rotacionamos a linha, esta, leva-nos a um conceito mais transversal, é a única linha que cruza a linha da vida e da morte, onde o vivo, neste caso, o visitante, tem uma influência direta sobre aquele que morre. Esta é designada como a linha da alma e dos restos mortais, tendo o seu início na chaminé do forno de cremação, que, segundo algumas crenças orientais³¹, é neste momento que ocorre a libertação da alma, e o seu fim no columbário onde serão depositados os restos mortais.



³¹ iMMaginare. (2015). Obtido de iMMaginare: <http://immare.blogspot.com/2015/06/lugar-e-espaco-por-uma-visao-da.html>

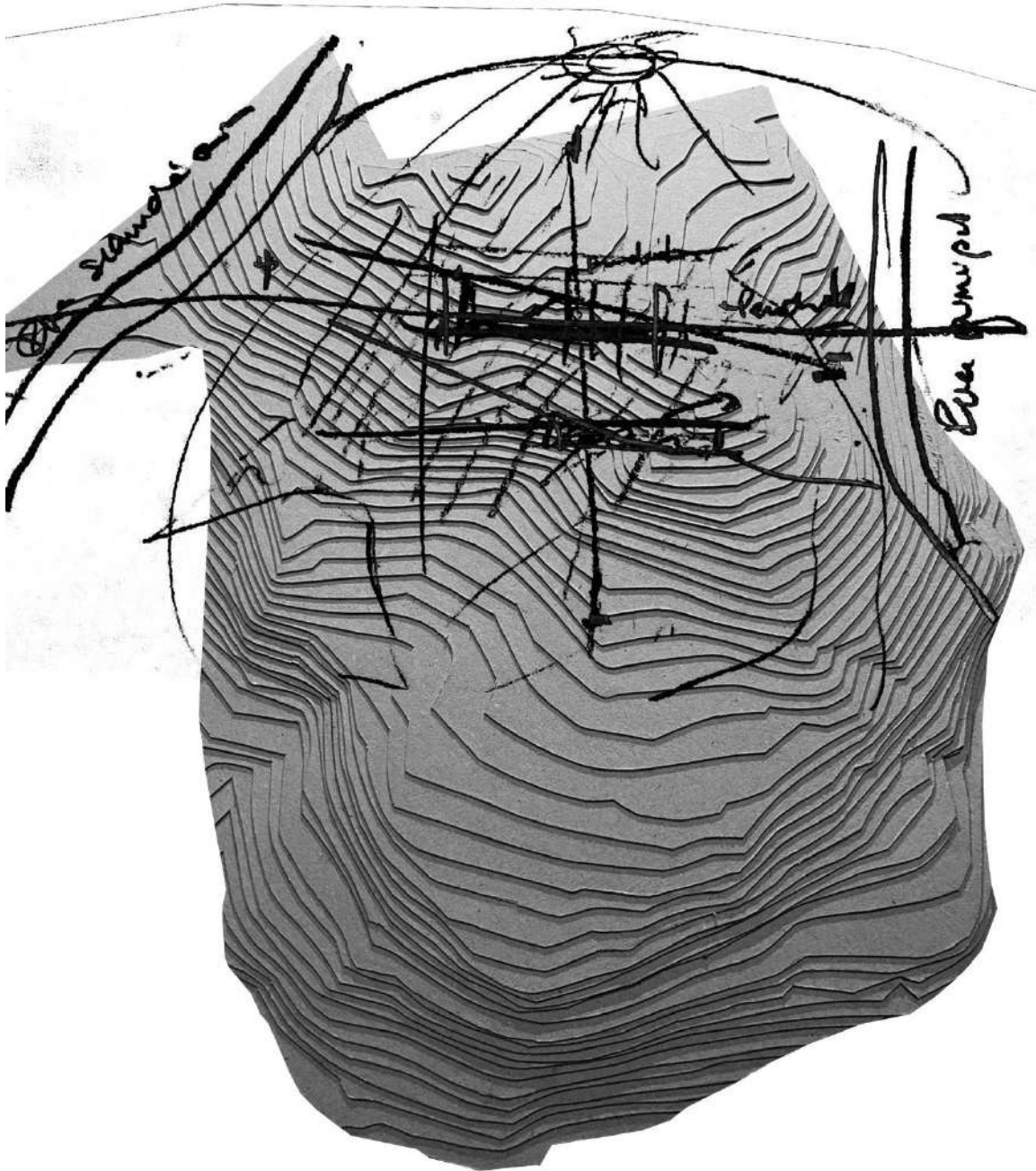


Figura 12- Montagem de processos entre maquetes e esboços conceptuais

Mapa de referências

Várias foram as ideias e conceitos que surgiram no desenvolver do projeto, no entanto, percebemos que inconscientemente trazemos para este processo, várias obras de referência que de alguma forma nos formam marcando ao longo percurso. Alguns dos projetos apresentados a seguir no mapeamento de imagens, foram usados como ponto de partida no pensamento projetual, ajudando a definir o programa e a forma do objeto (Fig.28, 29, 34).

Enquanto os restantes foram trazidos no decorrer do trabalho, como exemplos de possíveis respostas às necessidades propostas pelo programa definido. Mostrando estratégias e pensamentos projetuais que sempre entusiasmaram a autora, relativamente a características que formalizam a poética dos espaços, das quias, a espacialidade, a estereotomia, as estruturas, as formas da luz, do vazio e da água, os percursos e a relação com o entorno.

As características abordadas traduzem-se posteriormente num dos aspetos que dá relevância ao projeto, transpondo-nos para um imaginário idealizado, onde, as atmosferas criadas nos imergem aos espaços.



Figura 13- Mercado do carandá, Souto de Moura



Figura 14- Casa Mesetti, Paulo Mendes da Rocha



Figura 15- Biblioteca em Viana do Castelo, Siza Vieira



Figura 16- Parque natural do Fogo, OTTO



Figura 17- Colégio oficial de arquitetos, Salamanca



Figura 18- Inagawacemitério, David Chipperfield



Figura 19- Faculdade de Ciências Sociais, Pamplona



Figura 20- Museu Lee Ufan, Tadão Ando



Figura 21- Balneário de la fuente, Palma



Figura 22- Shift, Richard Serra



Figura 23- Terminal intermodal de Campanhã, Brandão Costa



Figura 24- North Pavilion in Venice, Sverre Fehn



Figura 25- Átrio da Alhambra, Siza Vieira



Figura 26- Museu provincial de Zamora, Mansilla y Tunon



Figura 27 - Saya park, Siza Vieira e Carlos Castanheira



Figura 28- Tanatário de Matosinhos, Luisa Valente



Figura 29- Tanatário de León, BAAS



Figura 30- Cemitério de Igualada, Miralles



Figura 31- Igreja da luz, Tadao Ando



Figura 32- Cemitério e santuário de Brion, Carlos Scarpa



Figura 33- Crematório de Seijngem, KANN



Figura 34- Cemitério, César Portela

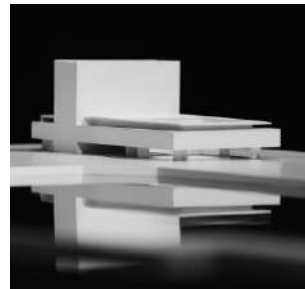


Figura 35- Escola Superior de Comunicação Social, Carrilho da Graça



Figura 36- Piscina das marés, Siza Vieira



Figura 37- Mausoleu fosse ardeantine, Roma



Figura 38- Menina à Janela, Salvador Dali



Figura 39- Crematório Uitzicht, Souto de Moura



Figura 40- El Tindaya, Eduardo Chillida



Figura 41- Passeio arquitetónico, Dimitris Pikionis



Figura 42- Igreja Santa Maria, Siza Vieira

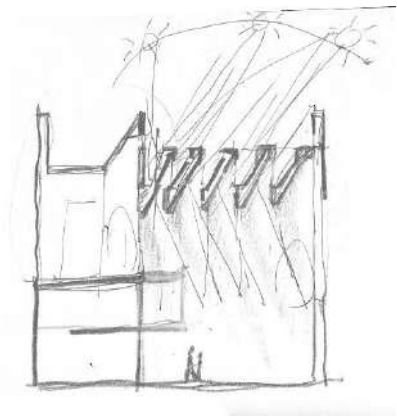
Pressupostos prévios

*“A arquitetura não lida com coisas abstratas como a filosofia. Saber o que se está a fazer é importante, mas não começa aí. Começa com as emoções.”*³²

Além da construção dos conceitos antes abordados, existiram ainda vários pressupostos determinantes na hora de projetar. Estes acompanham o meu percurso académico e continuam a ter uma forte influência no que diz respeito à disciplina de projeto.

Começamos pelas *Atmosferas*, referenciadas a Peter Zumthor, onde se procura direcionar a metodologia de projeto pelas ambiências que serão criadas por ele. Quando falamos de atmosferas, falamos de um conceito pouco pragmático e difícil de abordar de forma científica, dada a sua ambiguidade, subjetividade e pela sua inconstância no que diz respeito à interpretação pessoal de cada pessoa.³³ Na arquitetura, a atmosfera dá-se no entrelaçar da arte com o real, concreto, físico e palpável onde a obra é o palco das nossas vivências e fruto do nosso uso. Para conseguir criar este palco de emoções o arquiteto referido identifica no seu trabalho os seus interesses e as ferramentas que utiliza para o conseguir, das quais identificamos algumas que influenciaram diretamente no projeto proposto, tais como:

*“A luz sobre as coisas”*³⁴, a luz tem a capacidade de infiltrar-se nos espaços e transformá-los, ao mesmo tempo proporcionar-lhes os mais variados efeitos sensoriais. Tendo em conta a luz como um elemento natural, é através da arquitetura que podemos controlar a sua intensidade, direção e difusão.³⁵ A luz, pode ser vista como uma matéria construtiva do próprio espaço, sendo que, na arquitetura, esta, tem um carácter subtil e dinâmico.³⁶



³² Zumthor, Peter. (2006). *Atmosferas*. Barcelona: GG.

³³ Zumthor, Peter. (2006). *Atmosferas*. Barcelona: GG.

³⁴ Zumthor, Peter. (2006). *Atmosferas*. Barcelona: GG.

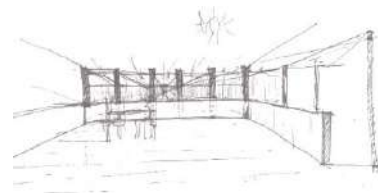
³⁵ Péries, L. (2022). *Cuando el aire se precipita en la arquitectura, Experimentación proyectual en torno al vacío*. (Universidad Nacional de Córdoba - Facultad de Arquitectura, Urbanismo y diseño)

³⁶ Zumthor, Peter. (2006). *Atmosferas*. Barcelona: GG.

“O som do espaço”³⁷ e a “temperatura do espaço”³⁸ refletem fatores que condicionam a experiência de cada pessoa perante o mesmo, falamos de questões acústicas, onde predomina o silêncio, e onde se pretende que o único som audível, seja a deambulação do utilizador do espaço, conseguido com a forma, altura e material que o constrói. A climatização do espaço é um fator importante do ponto de vista do visitante, somos capazes de apreciar um espaço onde não estamos confortáveis com o clima? A resposta é subjetiva, no entanto, podemos afirmar que é uma condição que influencia de forma visual e psíquica o ser humano.

“Entre a serenidade e a sedução”³⁹ é a última abordagem que se faz relativamente aos temas abordados em *Atmosferas*, a última à qual o projeto do Tanatório vincula diretamente, tendo em conta o espaço como um lugar de vivências e com o intuito de estimular o utilizador a percorrê-lo, gerando surpresas e encenações através destas expressões arquitetónicas.

“Pode-se construir muitos edifícios, mas o fundamental, é que o projeto tenha sentido, sentido no ponto de vista humano, pois acredito nos valores humanistas. Se as obras servirem os humanos e a cidade então é bonito construir. Se, se desenrolar para fundos comerciais já não me interessa.”⁴⁰



37 Zumthor, Peter. (2006). *Atmosferas*. Barcelona: GG.

38 Zumthor, Peter. (2006). *Atmosferas*. Barcelona: GG.

39 Zumthor, Peter. (2006). *Atmosferas*. Barcelona: GG.

40 Retirado da entrevista feita pela revista *Detail* 2001, por Heide Wessley a Peter Zumthor, intitulada de: *Construyo desde la experiencia del mundo*.

Do conceito às estratégias de apropriação

Condensando o estudo realizado e as visitas ao local, começamos a definir as primeiras estratégias de apropriação do terreno. Foram necessárias inúmeras visitas, como forma metodológica de trabalho, com fim de recolher as informações que geravam dúvidas durante o processo.

Para dar início ao projeto do Tanatório, foram feitas visitas para recolha fotográfica do local, posteriormente sentiu-se necessidade de perceber onde a proposta teria a melhor implantação, sendo necessário visitar novamente para desenhar em diferentes perspetivas do terreno, foram repetidas caminhadas pelo local com intuito de perceber os declives e as possíveis dimensões a propor, assim como em diferentes horas do dia notando o comportamento espacial do local e da envolvente, tendo em conta o referido anteriormente, em *primeiras considerações e abordagem conceptual*.

As primeiras estratégias passam por criar espaços capazes de reforçar o espírito do lugar, num equilíbrio claro entre volumetrias, materialidades e a paisagem, assim como valorizar e respeitar a experiência dos visitantes perante a memória, que estes, seja um espaço de fácil leitura, intuitivo na organização dos espaços e dos percursos que possa transmitir ao mesmo tempo segurança, conforto e intimidade.

Posto isto, definimos a linha conceptual que atravessa o terreno e conecta as duas ruas de acesso ao terreno (Fig.43), é através dela que começamos a pensar nas possibilidades de implantação do edifício. De forma estratégica, a linha “da vida e da morte” atravessa a zona central do terreno, onde a inclinação é mais acentuada, para que, posteriormente, o edifício se possa integrar na paisagem. Esta linha, orientada a norte fornece uma iluminação controlada e confortável.



Figura 13- Fotografia aérea sobre o terreno e localização dos diferentes acessos

A necessidade de diferenciar os percursos das visitas e dos cadáveres vai determinar da volumetria proposta. O percurso dos visitantes seria então realizado na linha conceptual definida anteriormente até ao edifício, priorizando a zona norte para os espaços comuns, permitindo a entrada de luz natural no percurso e no espaço de estar dos visitantes.

A chegada do cadáver, dá-se ao longo da mesma linha conceptual espacializando-se, no entanto, a uma cota inferior, através da rua do Perrelo, o acesso secundário a poente. Esta permite que o percurso seja enterrado e não exista contacto visual entre a chegada dos cadáveres e dos visitantes. No interior do edifício, o seu percurso localiza-se a sul no espaço semienterrado do terreno, conseqüentemente sem luz natural, destina-se ao percurso dos mortos, este, de carácter mais técnico.

Desta forma, a implantação do edifício permite que o mesmo tenha uma boa iluminação e mantenha o contacto visual com o restante terreno, assim como, com a natureza e envolvente montanhosa que o rodeia. Na zona com menos inclinação é mais fácil caminhar, e é nesta área que surgem os vários columbários modulares que permitam ser acrescentados consoante a necessidade.

A última estratégia de apropriação do local traduz-se na plantação de vegetação arbórea de folha caduca, que predominem na zona norte e que se adaptem facilmente ao clima mediterrâneo em que se encontram, possibilitando o conforto térmico durante as visitas ao columbário nas diferentes estações, estas, servem também como catalisadores dos ruído que provêm da estrada nacional e da poluição atmosférica.

O objetivo é que estas árvores: Mostajeiro, Acácia, Tília e Choupo branca (Fig.44), criem uma ligação visual e corporal com o visitante onde se assume uma relação direta entre o ciclo das árvores e o ciclo da vida.

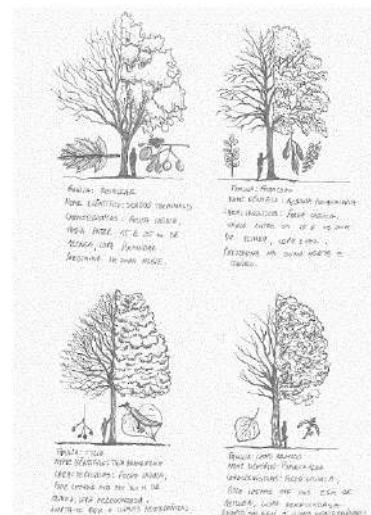


Figura 14 – Esquízo da autora _ espécies arbóreas escolhidas para o projeto de intervenção

Do programa à forma

Para a elaboração do programa foi necessário aprofundar os conhecimentos sobre o funcionamento concreto de cada um dos espaços. Neste contexto, foram realizadas visitas in situ a espaços com as mesmas características programáticas com o fim de solucionar a problemática a que nos propomos.

A visita in situ ao Tanatório de León (Fig.45) trouxe um primeiro contacto com esta tipologia. Neste, foi possível visitar a maioria dos espaços e perceber como se organizam e se distribuem no edifício.

Posto isto, continuaram a surgir dúvidas às quais não sabíamos responder, tais como, a organização funcional técnica e de apoio aos cadáveres. Para resolver esta dificuldade, visitamos o espaço mortuário (morgue) do Centro Hospitalar do Tâmega e Sousa (Fig.46), em colaboração com a Funerária da Calçada, ambos localizados em Penafiel, com a intenção de entender melhor o processo de preparação do cadáver e os espaços necessários. Este foi visto como uma possível sala de Tanopraxia onde é tratado o corpo morto antes de ir para a sala de velação e foi possível perceber todos os equipamentos e espaços necessários de apoio a este fim.

Na visita ao Tanatório de Matosinhos (Fig.47 e 48) tivemos o acompanhamento do engenheiro da Câmara Municipal responsável pelo equipamento, do qual, conseguimos obter informação mais detalhada relativamente a pormenores estruturais e técnicos, além, da possibilidade de visita ao espaço de cremação onde acompanhamos todo o processo da mesma e nos foi explicado e demonstrado que tipo de maquinarias eram necessárias. Ao longo destas visitas, foram possíveis os levantamentos das medidas destes espaços, que facilitou no processo de construção da proposta aqui desenvolvida. O acompanhamento dos profissionais que ali trabalhavam foi imprescindível para entender melhor todos os processos e necessidades deste equipamento.

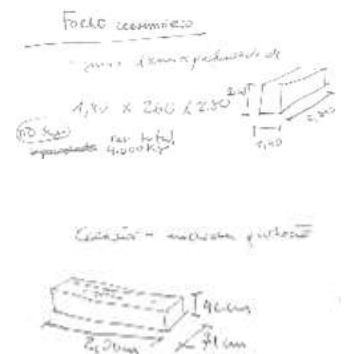




Figura 15- Levantamento fotográfico da visita in situ ao Tanatório de León



Figura 16- Fotografia da visita in situ ao espaço mortuário do Centro Hospitalar do Tâmega e Sousa



Figura 17- Levantamento Fotográfico da visita in situ ao Tanatório de Matosinhos



Figura 18- Levantamento fotográfico da visita in situ ao Tanatório de Matosinhos

O programa

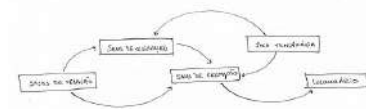
O desenvolvimento do programa surgiu apoiado nas premissas nomeadas anteriormente, respondendo às necessidades da tipologia e respeitando as metas propostas pela autora de criar um espaço respeitoso e sensível no processo de luto a ser enfrentado.

Numa primeira interação entre o programa e forma, a abordagem passa pela introdução dos espaços que respondem ao programa. Delineada esta primeira noção e como ponto de partida, revela-se essencial compreender de que forma a hierarquização espacial pode ser conjugada com as diferentes exigências programáticas.

Posto isto, o programa é definido com base em projetos de referência da mesma índole e estrutura-se por um conjunto de ideias que alimentam o projeto e que nascem do processo de concordância entre a ocupação e a topografia existente, estas, ajudaram a determinar e desenhar os espaços, tanto como o percurso que se caracteriza como um rasgo no terreno.

Com a necessidade de criar espaços que respondam à organização funcional e técnica do Tanatário, definimos os principais blocos programáticos, com intuito de posteriormente analisar projetos da mesma índole, percebendo desta forma, quais as áreas mais adequadas a cada programa. Assim sendo, dividimos o projeto em cinco grandes blocos programáticos:

- Salas de velação, onde os cadáveres ficam em camara ardente antes das celebrações, estas devem ter um caracter mais reservado e íntimo ao visitante.
- Salas de celebração, aqui, é onde ocorrem as diferentes cerimónias fúnebres estabelecidas por cada religião ou cultura.
- Salas de cremação, nestas salas encontram-se os fornos crematórios, onde ocorre o processo inceneração do cadáver.
- Sala de Tanopraxia, é onde ocorrem todos os processos de tratamento de um cadáver, estas salas necessitam de equipamentos técnicos de apoio, tais como, arcas refrigeradoras e pias de lavagem e drenagem de corpos.
- Columbário, é o local onde são depositadas as cinzas dos cadáveres, e que posteriormente podem ser visitados.



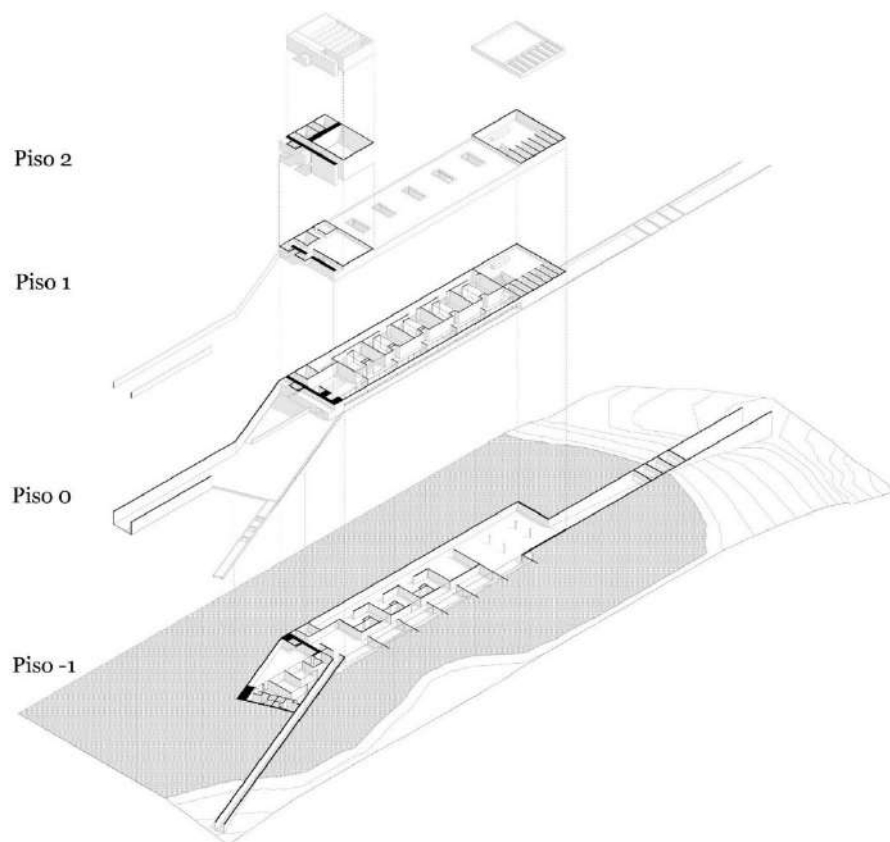
Espaços - Piso -1	Áreas m2
Estacionamento de cargas e descargas	407,62 m2
Sala de Tanopraxia	118,10 m2
Salas de cremação	58,16 m2
Sala técnica	12,42 m2
Salas de espera	50,00 m2
Sala de psicologia	50,00 m2
Circulação cadáveres	126,28 m2
Acessos verticais	44,67 m2
Corredor de acesso ao columbário	143,18 m2
Hall e distribuição - Sala funcionários	41,77 m2
Dormitório	10,90 m2
Kitchenette	29,00 m2
Sala de descanso	41,25 m2
Balneários	23,70 m2

Espaços - Piso 0	Áreas m2
Receção	106,13 m2
Acessos verticais	44,67 m2
Sala de espera	20,00 m2
Administração	30,00 m2
Sala de reuniões	30,00 m2
Antecâmara da sala de velação	22,10 m2
Salas de velação	39,50 m2
Pátio	10,00 m2
Casas de banho	42,60 m2
Arrumos	30,40 m2
Sala técnica	45,00 m2
Circulação cadáveres	155,46 m2

Espaços - Piso 1	Áreas m2
Acessos verticais	44,67 m2
Sala de celebração	123,67 m2
Arrumos	15,12 m2
Circulação cadáveres	27,30 m2
Cafetaria	132,50 m2

Espaços - Piso 2	Áreas m2
Acessos verticais	44,67 m2
Vestiário	38,86 m2
Casa de banho	7,50 m2

Figura 19- Tabela de áreas



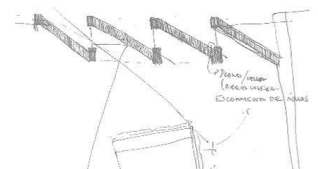
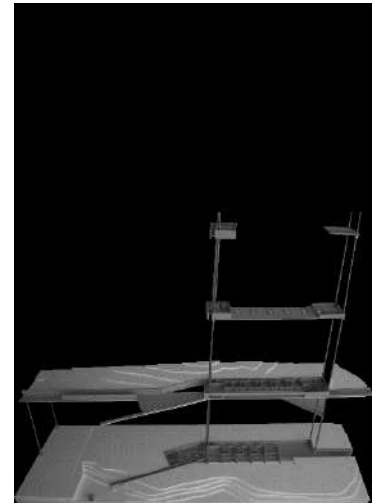
O Tanatório e dá forma às necessidades funcionais e programáticas anteriormente nomeadas, ocupando uma área de implantação de 3 325m². O programa distribui-se em quatro pisos (Fig.50), um deles subterrâneo denominado por piso técnico que acomoda um estacionamento de cargas e descargas de cadáveres, a sala de Tanopraxia, três salas de crematórios, o espaço de distribuição para os acessos verticais por escadas ou elevadores, o acesso ao columbário, às três salas de espera, ao gabinete de psicologia e à sala de funcionários, com balneários, casas de banho, sala de descanso, kitchenette/sala de refeições e dormitório.

A organização do programa no piso 0, semienterrado, corresponde ao momento de chegada das visitas e a organização espacial dos espaços de receção, administração/reuniões, 4 salas de velação com as respetivas antecâmaras, sala de espera comum, cafetaria, casa de banho, salas técnicas e arrumos.

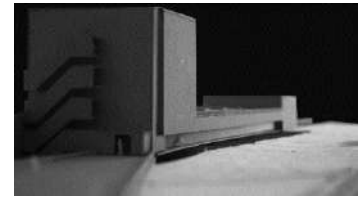
No piso 1, encontramos a sala de celebração e os espaços de apoio à mesma.

No piso 2, é apenas destinado a casas de banho e ao vestiário de apoio à sala de velação. O volume em que se inserem é o mais alto do conjunto, com uma cêrcea de 17,60m, medida desde a cota de soleira do piso 0.

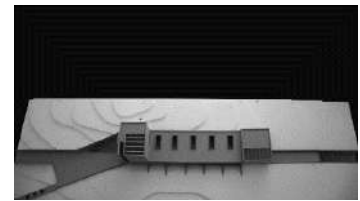
É importante referir que as maiores aberturas de vãos estão direcionadas a norte, permitindo a entrada de luz natural constante e controlada, ligando diretamente com a paisagem exterior. As restantes aberturas são para iluminar os espaços de forma indireta, criando sensações distintas no percorrer dos mesmos. Como parte do edifício se encontra semienterrado, foram desenhados pátios para possibilitar a entrada de luz natural nas salas de velação.



O acesso a este volume principal é linear e direto, na entrada principal do terreno encontramos à esquerda o estacionamento dos visitantes e funcionários que por sua vez nos direciona para a linha principal de percurso e é através dela que somos conduzidos entre grandes muros a três direções distintas: a direção principal conduz à receção e restantes áreas programáticas, assim como, ao acesso vertical possibilitando o acesso aos diferentes pisos.

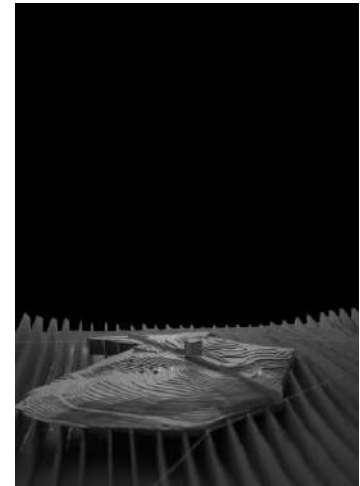


Um segundo acesso por escadas entre a entrada e o volume principal, dá acesso ao piso inferior, restrito e conhecido apenas pelos funcionários do Tanatório. Este leva-nos a um espelho de água que reflete o volume mais alto do edifício e faz alusão à ascensão aos céus, ao mesmo tempo é visto pelos visitantes como um espaço contemplativo.



A terceira direção conduz ao columbário, através da abertura destes grandes muros e de um pavimento irregular onde predomina a vegetação, os columbários consistem em blocos pontuais e modulares adaptados à morfologia do terreno e com possibilidade de ampliação.

No extremo oposto da entrada principal encontramos uma já mencionada a entrada secundária, para entrada dos cadáveres, acessível através da rua faz conexão com a EN106. Esta possui um desnível de 4 metros entre a cota de acesso da rua e a frente de terreno, originando uma entrada rampeada, semienterrada e ascendente ao Tanatório.



A forma

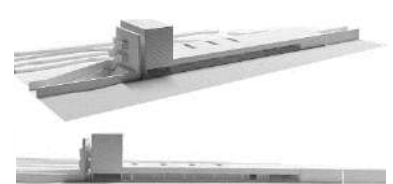
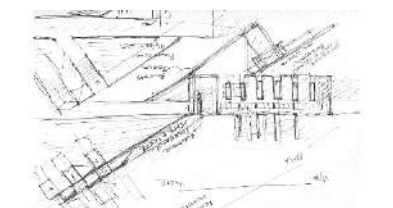
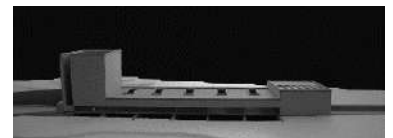
Desde um ponto de vista exterior, a forma do volume adaptasse à topografia do terreno, impondo-se na paisagem de maneira subtil e controlada. A forma é gerada pelo conceito da conexão linear direta entre os diferentes acessos e pelos requisitos programáticos que o definem. No desenho destes volumes defende-se o percurso arquitetónico como premissa para uma criação poética espacial e conceptual que interliga todo o conjunto (Fig.51).

Assim, a forma resulta da articulação dos volumes horizontal e vertical com os percursos lineares, assim como, os cheios e vazios e o que os materializam. De todo o conjunto sobressai o volume vertical mais elevado, em “torre”, contendo o bloco de escadas como elemento funcional e ao mesmo tempo escultórico, bem como um vão que permite o enquadramento visual da paisagem a cada patamar que subimos, tal como o elevador em vidro, permitindo a conexão visual com o exterior enquanto ascendemos à sala de celebração.

No alçado norte percebemos a totalidade e horizontalidade do edifício, quebrada por dois momentos distintos, o início e o fim do volume. É no fim que encontramos um grande vão a ponte que ilumina o interior deste percurso, que de um ponto de vista interior enfatiza a ideia de que não sabemos qual é o fim. O espelho de água exterior dá continuidade a este vão e reflete o céu como último momento do conjunto.

Externo a este corpo principal, encontramos ao longo do terreno os blocos modelares correspondentes aos columbários, estes, são gerados com o intuito de abrigar as urnas com os cadáveres.

Sendo que estes se distribuem ao longo do terreno e o mesmo beneficia da pendente descendente, o que permite a conexão visual com a entorno, pensou-se neste volume modular aberto, de forma a estar em constante permanência com a paisagem, ao mesmo tempo coberto, o que permite ao utilizador usufruir do momento com mais comodidade.



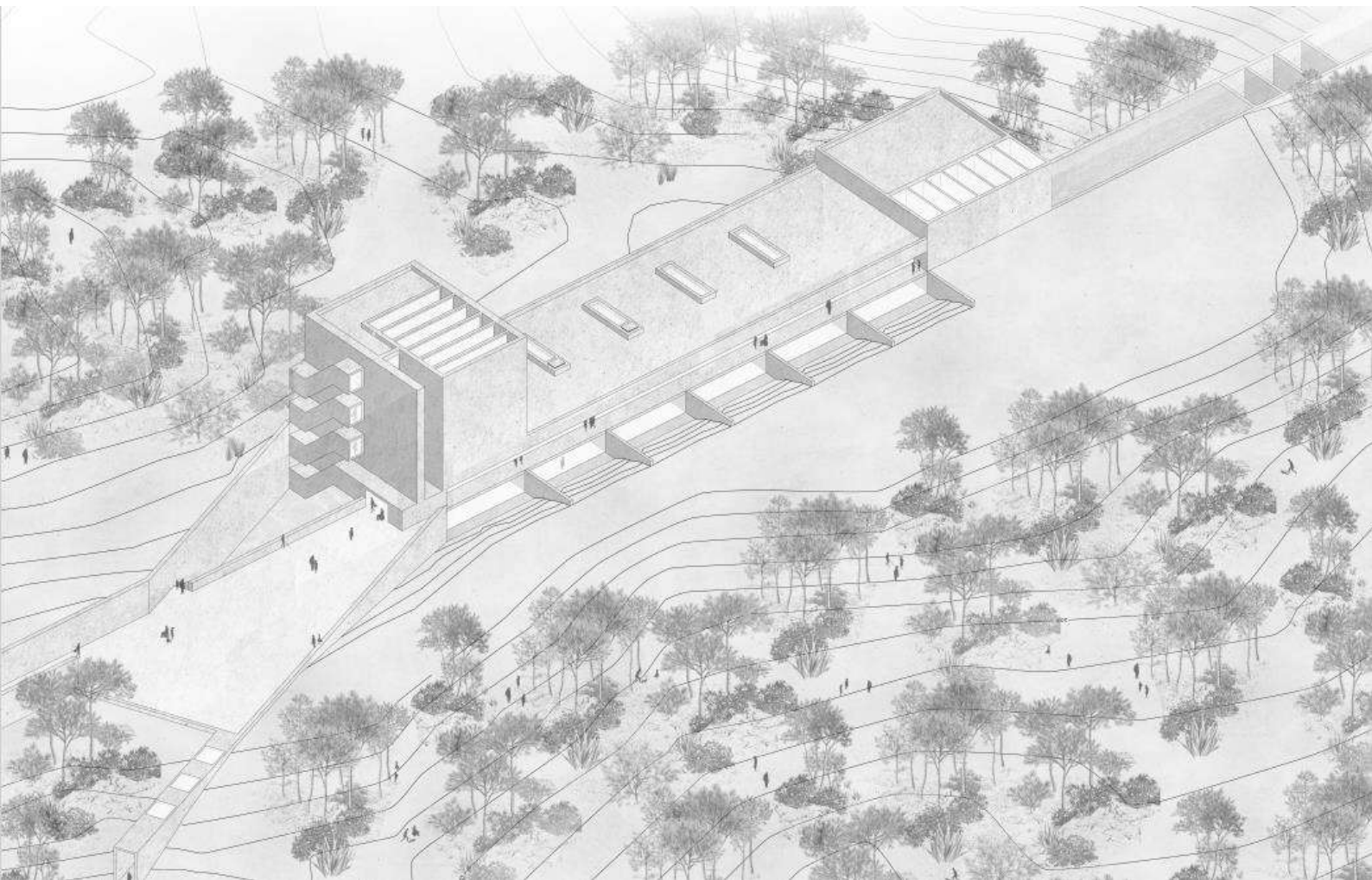


Figura 20- Axonometria isométrica do volume inserido no terreno

A materialidade

A importância da relação entre materialidade e narrativa construtiva é encontrada no desenho dos espaços na sua totalidade. Ao fazê-lo desta forma, assume-se a existência de uma dicotomia entre plasticidade e a materialidade que gera a *Atmosfera*⁴¹. O betão é adotado pela sua estereotomia e pelo seu tom acinzentado mais sóbrio, ao mesmo tempo neutra, não interferindo diretamente com o momento de cada visitante, criando um carácter escultórico e moldável, do objeto, que se dissolve através do terreno, transmitindo a sensação de uma única peça que resolve o volume, promovendo, desta forma uma uniformidade diante da paisagem existente.

A forma do volume resulta da articulação dos volumes com os percursos lineares, dos cheios e vazios e do que os materializa. É na fachada norte que percebemos a totalidade do edifício e sua horizontalidade, a qual é quebrada por dois momentos distintos: o início e o fim do mesmo.

O percurso principal é definido pelo rasgo linear no terreno, tornando-o direto e intuitivo, é iniciado a nascente, através da rua principal e culmina a poente, onde a luz do sol atravessa a janela esculpindo um cenário que se destaca entre os restantes ao entardecer. É aqui que a experiência adquire a sua máxima expressão, pois os sentidos são inundados por uma intensa vibração, gerada pela união entre o espaço, a obra e o visitante.

A experiência do percurso, procura gerar no observador um conjunto de sentimentos baseados no conforto e bem-estar, tornando-o respeitoso e sensível ao processo de luto que ali é enfrentado.

Desta forma, a arquitetura pode ser compreendida na sua capacidade de provocar os sentidos, sugerindo ao visitante uma experiência sensorial única. Além disso, a escolha dos materiais, e o desenho dos elementos arquitetónicos em concordância com a luz foram importantes para evocar as atmosferas desejadas.

⁴¹ Zumthor, Peter. (2006). *Atmosferas*. Barcelona: GG.

Esmiuçando um pouco sobre as escolhas estruturais e os materiais, as paredes exteriores, como referido anteriormente são materializadas em betão aparente de cor cinza. Tendo estas paredes exteriores função estrutural e de suporte de terras, possuem uma espessura de 50cm, (o isolamento térmico de 5cm, a placa de gesso cartonado de 2cm)

Já nas paredes interiores sem função estrutural, estas, são constituídas em placas de gesso cartonado de 2cm, o respetivo o isolamento térmico e acústico em lã de rocha com 5cm.

O revestimento das paredes varia consoante o tipo de utilização de cada espaço. Nesse sentido as paredes interiores nos espaços das visitas são protegidas por painéis pré-fabricados de madeira (carvalho-roble), em zonas técnicas são revestidas por reboco estanhado, no caso concreto das instalações sanitárias e sala de Tanopraxia são revestidas por placas cerâmicas.

Também os pavimentos foram definidos em consonância com os grupos antes mencionados, da seguinte forma:

Na parte exterior do edifício, composta pelos percursos de acessos, materializa-se, em betão afagado, devido à sua resistência e continuidade com a materialidade das superfícies do volume. Nos espaços interiores, de acesso aos visitantes, pretende-se uma continuidade com o revestimento das paredes, sendo aplicados pavimentos laminados de madeira (carvalho-roble). Nos espaços técnicos, será utilizado micro cimento revestido por resina epóxi, pela sua alta resistência e vantagem na facilidade de aplicação sem juntas o que posteriormente facilita a limpeza pela baixa porosidade.

Nos tetos optou-se por duas soluções distintas, teto falso de gesso cartonado e teto em placas de viroc cinza bruto de 2cm, simulando o betão aparente. Estes tetos, suportados por uma estrutura em aço galvanizado, são aplicados essencialmente nos corredores de acesso dos cadáveres, na zona de cafetaria, e no piso inferior nas salas de cremação, no estacionamento de cargas e descargas e na zona exterior. Nas zonas restantes materializa-se pelo gesso cartonado, igualmente suportado por uma estrutura em aço galvanizado, que por sua vez dá suporte à própria iluminação e às condutas de ventilação.

Em relação aos vãos, nas áreas de salas de espera com janelas no alçado norte, optou-se por um grande envidraçado constituído por painéis deslizantes em vidro duplo com caixilharia em aço inoxidável, permitindo desta forma o acesso ao exterior. No piso inferior os vãos orientados a norte são uniformes e fixos, igualmente materializados em vidro duplo e caixilharias em aço inoxidável. Relativamente aos pátios, estes, são constituídos por painéis em vidro refletivo duplo do mesmo tipo de caixilharia. O vão orientado a poente e as aberturas zenitais são também compostas por vãos e caixilharias da mesma materialidade, ainda que, com dimensões distintas.

Através destes diferentes tipos de aberturas, a luz torna-se um grande potencializador na materialidade interna, enriquecendo a expressão dos materiais escolhidos. Estes, revelados aos nossos olhos, sugerem uma vontade inesperada de desvendar os segredos que aí se alojam. A sucessão de sala em sala cria uma narrativa única, cada espaço com a sua própria atmosfera, como catalisador para os diferentes rituais.

Posterior ao edifício principal, os columbários, dispõem-se ao longo do terreno. Somos levados a ele por dois percursos distintos, o primeiro já referido anteriormente, que faz a ligação às salas de espera das salas de cremação. O segundo é exterior e faz ligação ao percurso principal de chegada dos visitantes. Este percurso é materializado em lajetas de betão, colocadas com distância entre si, de forma a marcar pontualmente o percurso sem massificar a envolvente natural que nos leva aos columbários, estes são blocos modulares, materializados na sua totalidade em betão armado. Aqui, é onde findam ambos os percursos, dos cadáveres e dos visitantes.

PARTE IV

Considerações finais

Para além da marcação de um fim, este trabalho resultou em algo mais que o inicialmente esperado. A proposta desenvolvida, para um espaço de Tanatório, surge após as interpretações contextuais históricas e do lugar. Não pretendendo assumir uma solução infalível e irrefutável, mas sim, uma resposta possível ao programa, resultado da aprendizagem e reflexão.

Esta transformada em linhas que evidenciam o conhecimento adquirido após o estudo teórico e prático sobre as várias questões abordadas no desenrolar desta dissertação.

Assim como refere Peter Zumthor, foi necessário mostrar a necessidade de incentivar uma arquitetura propositiva “*capaz de prover os indivíduos de condições espaciais naturais nas suas rotinas diárias*”,⁴² onde a transcendência reconfigure o ato de habitar e provoque os nossos sentidos. Do qual o objetivo surge da criação de espaços, onde a ideia do sentir, nos imerge numa atmosfera única e particularmente nossa.

O objetivo principal da dissertação foi compreender em que medida a arquitetura contribuiu para uma melhor relação entre ritual fúnebre e espaço. As principais dificuldades encontradas durante a evolução do projeto estiveram presentes na tentativa de uma organização espacial e racional, onde tudo se configurasse equilibradamente de forma a cumprir o objetivo mencionado.

⁴² Zumthor, Peter. (2006). Atmosferas. Barcelona: GG.

É neste sentido, que também nos questionamos sobre o objeto a desenhar e qual seria sua relação com o entorno, isto permitiu-nos desenhá-lo e dotá-lo de identidade e individualidade, capaz de se afirmar no lugar pela sua dimensão e materialmente tangível, enquanto, se mostra como um objeto respeitoso e sensível, perante os momentos que ali serão enfrentados.

Com base nos restantes objetivos propostos inicialmente, podemos afirmar que, foram exploradas com recurso às várias ferramentas da arquitetura as possíveis respostas para a conceção de um Tanatório, seguindo o caminho considerado mais coerente para uma proposta inserida em contexto urbano, mais concretamente na cidade de Penafiel;

Em consequência foi necessário compreender os requisitos técnicos e funcionais que compõem esta tipologia, tomando como ponto de partida as visitas *in situ*, que alargaram o nosso conhecimento perante tema fúnebre. Desta forma sentimos que a resposta conseguiu alcançar um carácter sensível ao processo de luto a ser encarado.

Neste sentido, compreendemos a expansão do pensamento arquitetónico relativamente ao tema fúnebre e, sobretudo, esperamos com este trabalho possa incitar a criação de um ponto de partida na discussão da relação das construções fúnebres com a cidade, de forma a pensar e projetar as cidades tendo a necrópole como um elemento pertencente.

Referências

- Augé, Marc. (1998). *Não lugares*. Barcelona: Letra livre.
- Augé, Marc. (1998). *Las formas del olvido*. Barcelona: Gedisa.
- Ariès, Philippe. (1988), *O Homem Perante a Morte*. 1.ed. Lisboa: Europa América
- Baeza, Alberto Campo. (2018). *A ideia construída*. Lisboa: Caleidoscópio
- Baudrillard, Jean (1996) — *A troca simbólica e a morte II*. 1.ed. Lisboa : edições 70.
- Catroga, Fernando.(1999), *O Céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos: 1756 -1911*, Coimbra: Minerva
- Correia, Rita. (2019). *Espaços de Sombra: Ensaio projetual de um tanatório para o Porto*. (Dissertação de mestrado integrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da universidade do Porto)
- Fernández Galiano, Luís. (1991). *Memento Mori: em Una Arquitectura para la Muerte*. Sevilha: Grafibéria.
- Figueiredo, Inês. (2013). *Do cemitério à memória, a imaterialização do espaço mortuário*. (Dissertação de mestrado integrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da universidade do Porto)
- Franco, Renato. (2017). *Arquitectura funerária, simbolismo e relação com o lugar*. (Dissertação de mestrado integrado em Arquitetura, Universidade Lusíada)
- iMMaginare. (2015). Obtido de iMMaginare: <http://immare.blogspot.com/2015/06/lugar-e-espaco-por-uma-visao-da.html>
- Lobell, John. (1979) *Between silence and light: spirit in the architecture of Louis Kahn*, Boston: Shambala
- Machado, Carlos. *Cuidar dos Mortos*. Instituto de Sintra (1999), Gráfica European, Lda,
- Maria Manuel Oliveira,(2007) *In memoriam: na cidade*, Tese de Doutoramento em Arquitetura, Universidade do Minho, Departamento Autónomo de Arquitetura
- Morin, Edgar. (1997). *O homem e a morte*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Penafiel, S. (s.d.). *Sistemas de informação geográfica municipal* . Obtido de <http://sig.cm-penafiel.pt/geoportal/Geoportal/MapView.aspx?WMID=14>
- Péries, L. (2022). *Cuando el aire se precipita en la arquitectura, Experimentación proyectual en torno al vacío*.(Universidad Nacional de Córdoba - Facultad de Arquitectura, Urbanismo y diseño)

Queiroz, Francisco. (2005), *Portugal in Douglas Davies, Lewis Mtes, Encyclopedia of cremation*. Inglaterra: Ashgate Publishing Company

Vieira, Ana (2020). *Os contornos do luto - Entre a Arquitetura e o Rito, Tanatório em Lousada*. (Dissertação de mestrado integrado em Arquitetura, Universidade da Beira Interior)

Zumthor, Peter. (2006). *Atmosferas*. Barcelona: GG.



MORTE, ESPAÇO E MEMÓRIA

TANATÓRIO EM PENAFIEL

MORTE, ESPAÇO E MEMÓRIA

TANATÓRIO EM PENAFIEL

JANEIRO 2023

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA (MESTRADO INTEGRADO)

ALUNA: PATRÍCIA DUARTE FERREIRA

N.º: 39941

ORIENTAÇÃO: PROF.ª DOUTORA RITA OCHOA

COORIENTAÇÃO: PROF.ª DOUTORA MIRIAM RUIZ

01 LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO



MORTE, ESPAÇO E MEMÓRIA

TANATÓRIO EM PENAFIEL

JANEIRO 2023

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA (MESTRADO INTEGRADO)

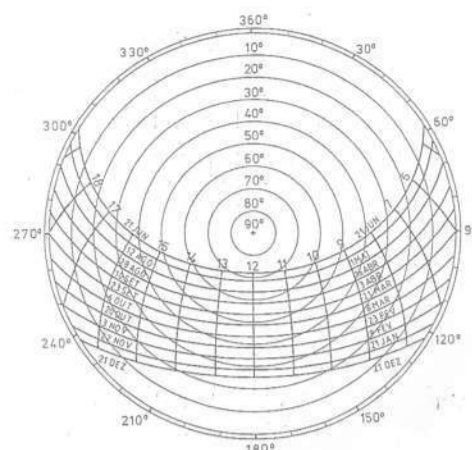
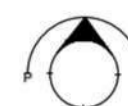
ALUNA: PATRICIA DUARTE FERREIRA

Nº: 39941

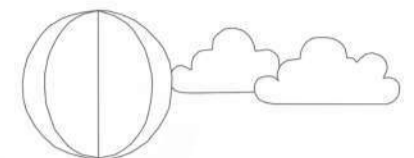
ORIENTAÇÃO: PROFª DOUTORA RITA OCHOA

COORIENTAÇÃO: PROFª DOUTORA MIRIAM RUIZ

02 CONCEITO E APROPRIAÇÃO



POSIÇÃO:
41.159007,
-8.299074.

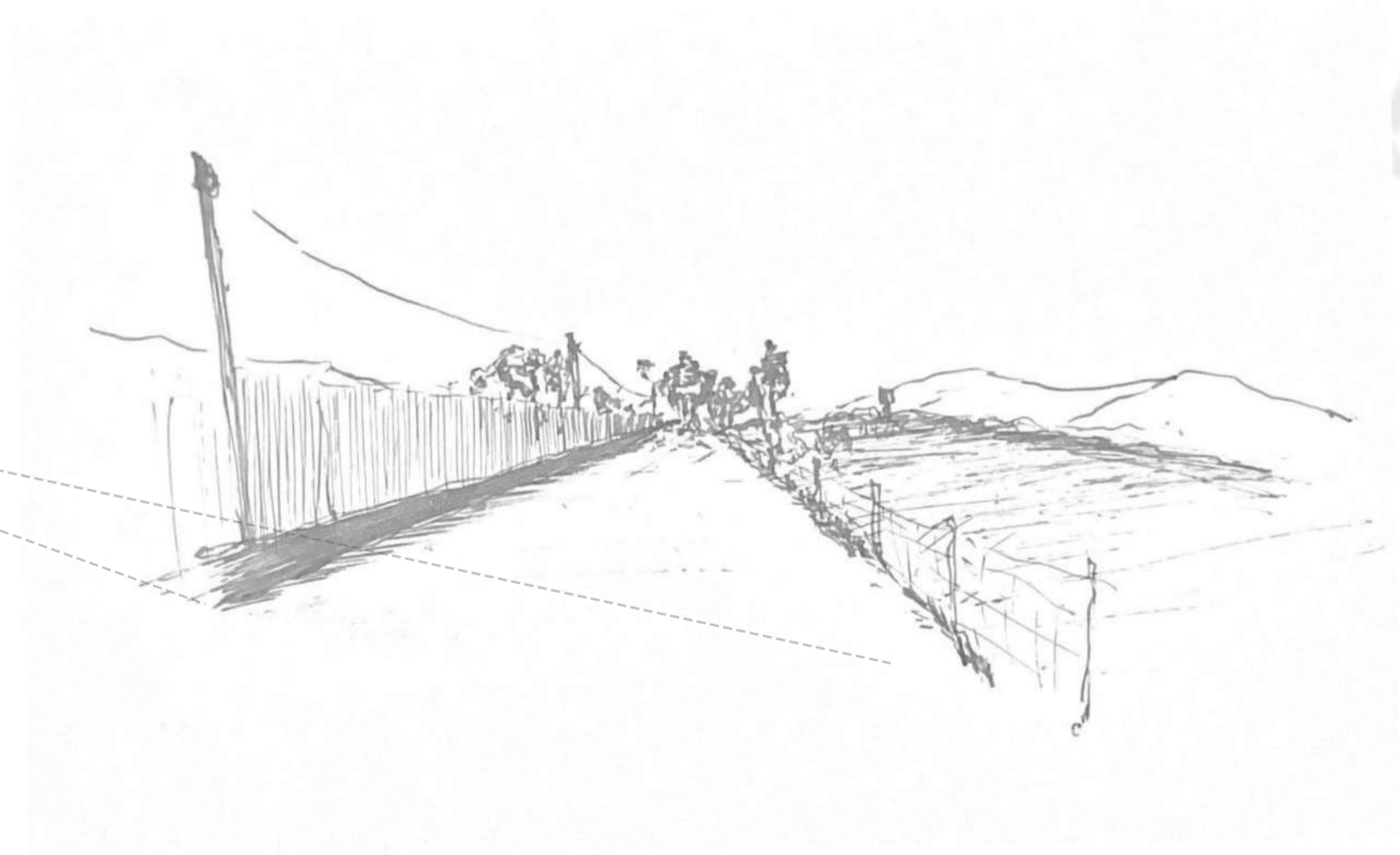
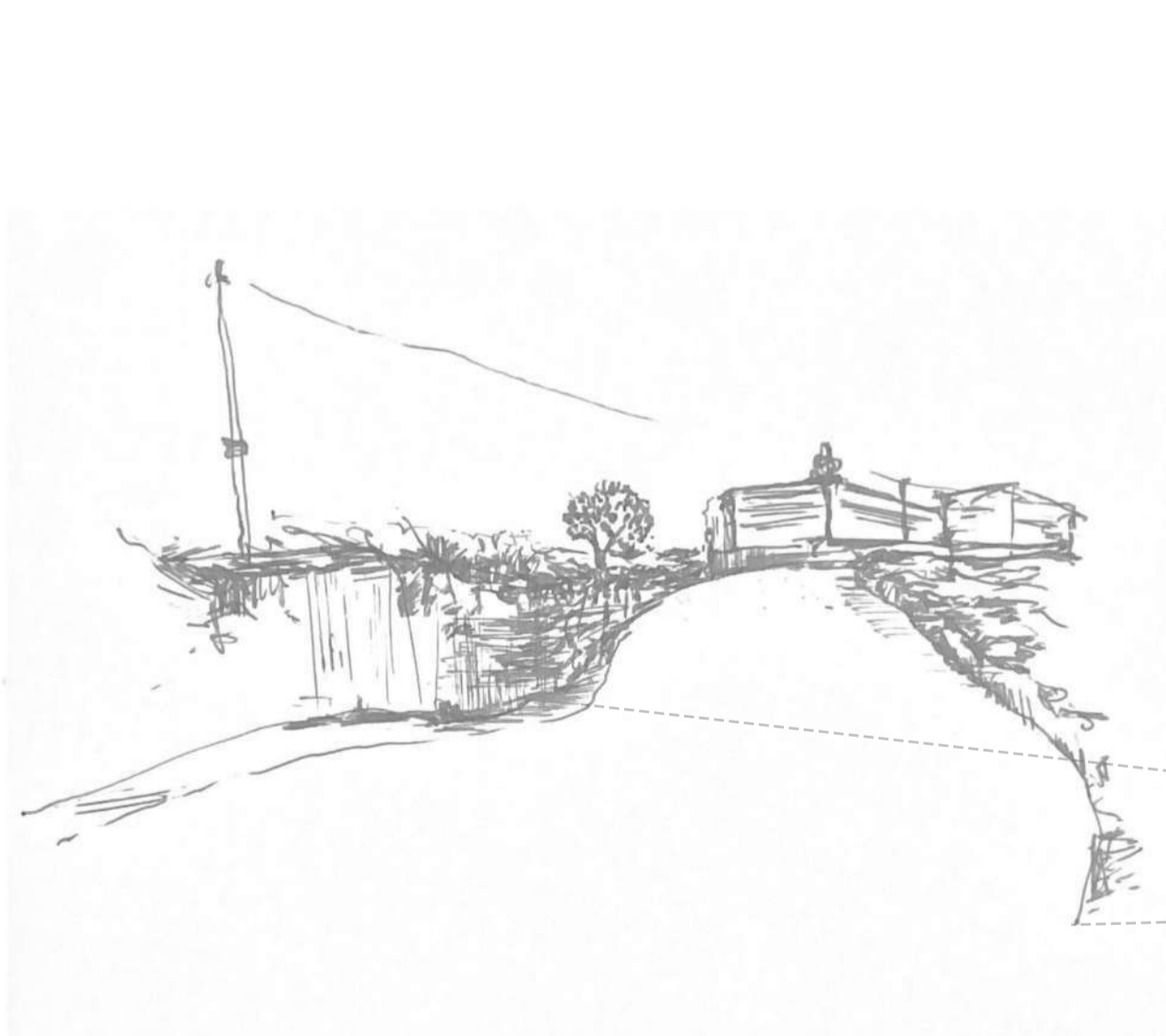


CLIMA:
MEDITERRANÉO
(verão seco e quente)
(inverno fresco e chuvoso)

TEMPERATURA: alta
média anual: 21°C

PRECIPITAÇÃO:
média anual: 743mm

HUMIDADE:
média anual: 75%



ESTRADA NACIONAL- POTO-GUIMARÃES
EN 106

RUA DO PERRELO
ACESSO SECUNDÁRIO (MORTOS)

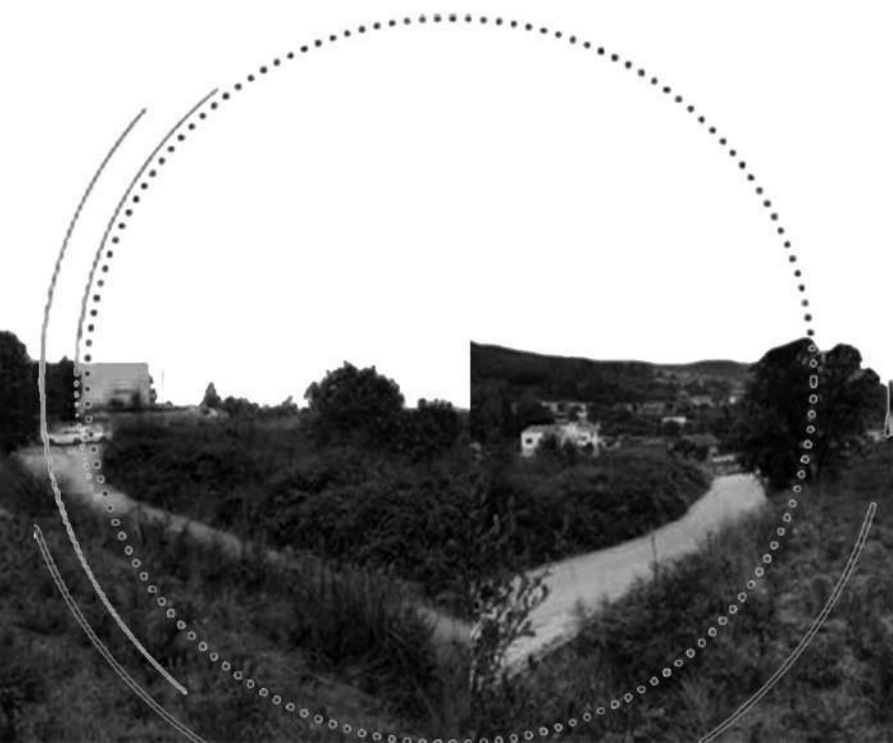
RÉSTOS MORTAIS

VIDA

RUA DA ALGARIA
ACESSO PRINCIPAL (VISTAS)

MORTE

ALMA



MORTE, ESPAÇO E MEMÓRIA

TANATÓRIO EM PENAFIEL

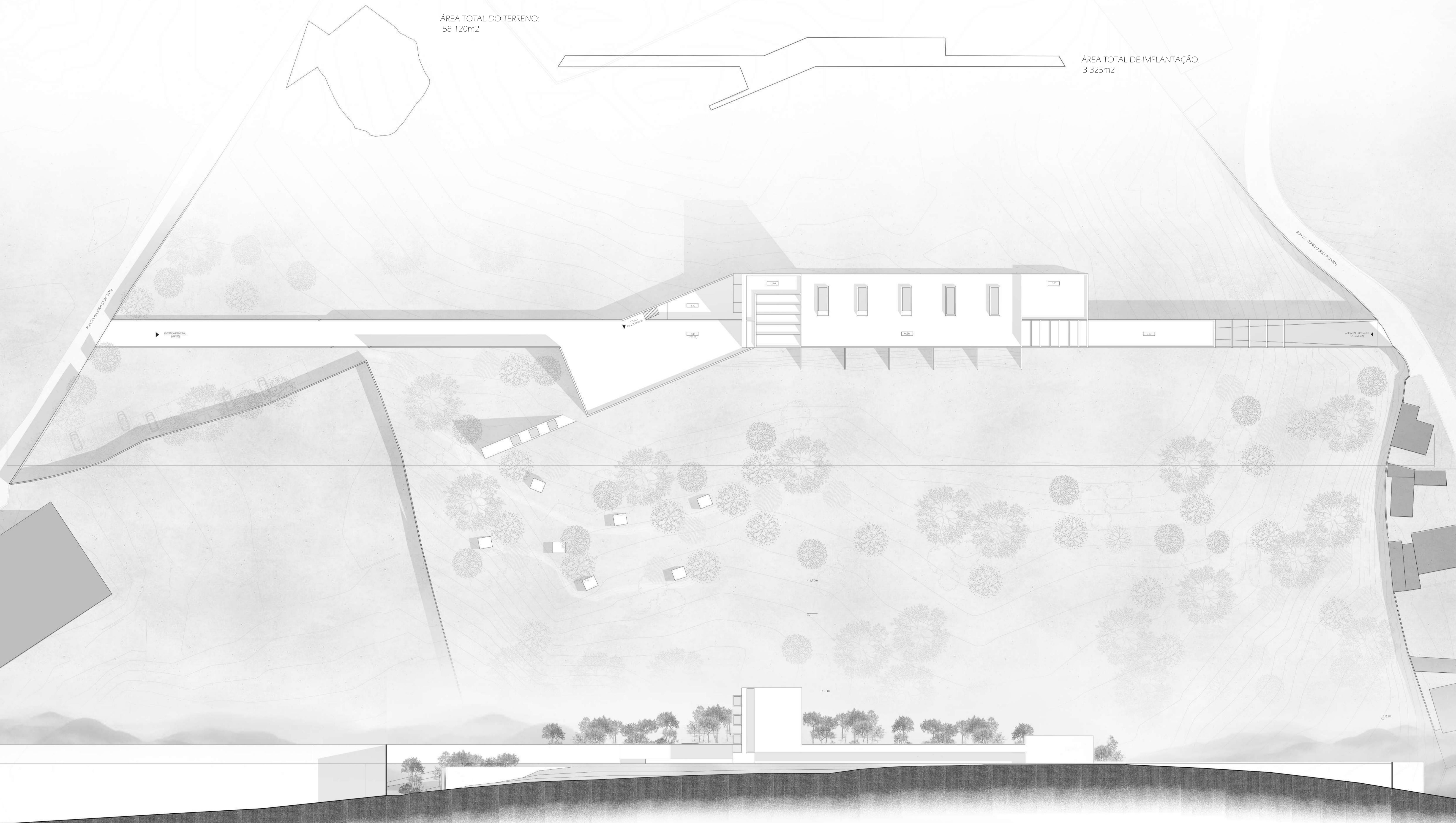
JANEIRO 2023 UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA (MESTRADO INTEGRADO) ALUNA: PATRICIA DUARTE FERREIRA Nº: 39941 ORIENTAÇÃO: PROFª DOUTORA RITA OCHOA COORIENTAÇÃO: PROFª DOUTORA MIRIAM RUIZ

03 PLANTA DE IMPLANTAÇÃO E ALÇADO PRINCIPAL ESCALA 1:400

COTA DE SOLEIRA: 0.00m = 238,30m

ÁREA TOTAL DO TERRENO:
58 120m²

ÁREA TOTAL DE IMPLANTAÇÃO:
3 325m²



MORTE, ESPAÇO E MEMÓRIA

TANATÓRIO EM PENAFIEL

JANEIRO 2023

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA (MESTRADO INTEGRADO)

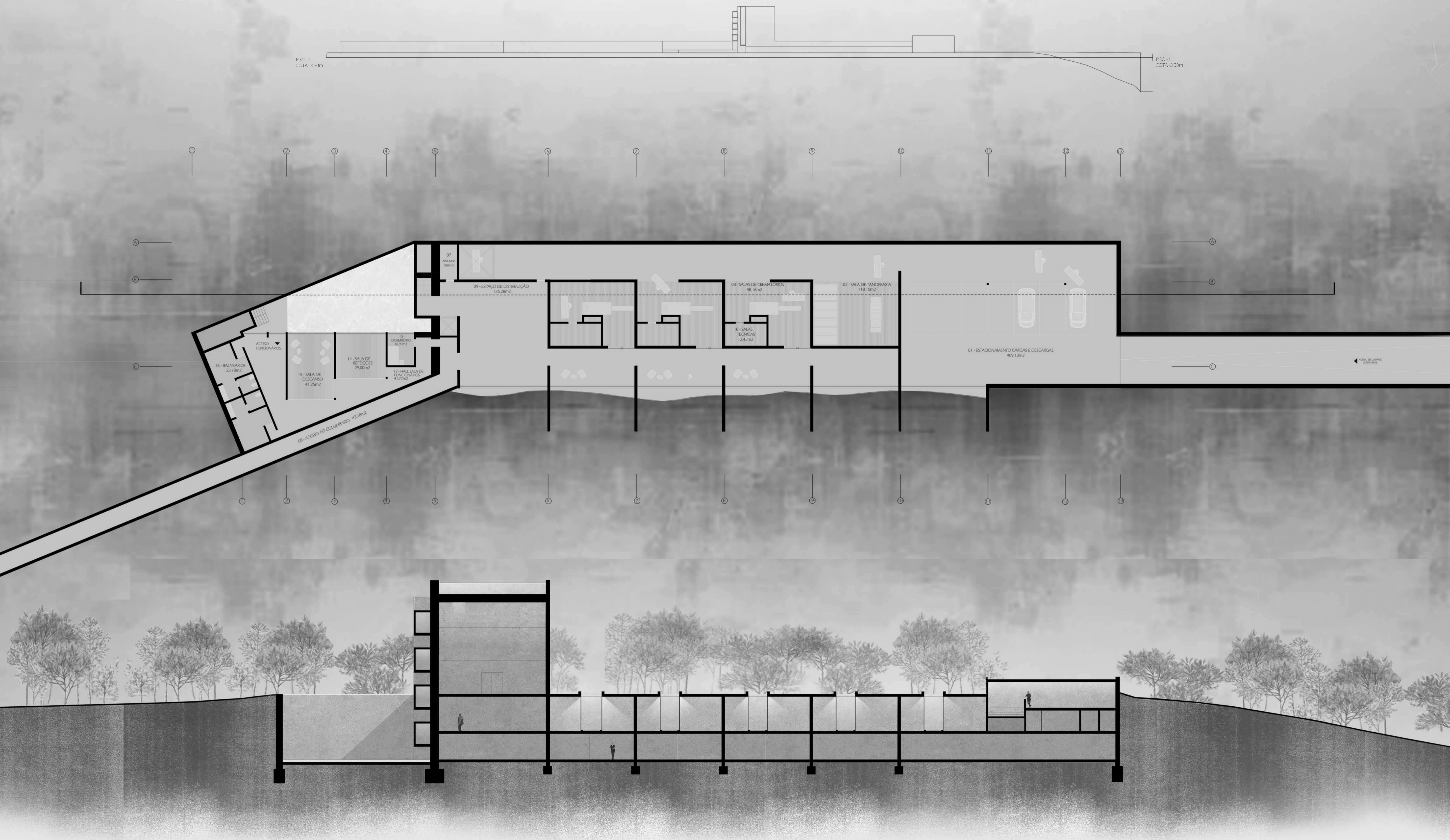
ALUNA: PATRÍCIA DUARTE FERREIRA

Nº: 39941

ORIENTAÇÃO: PROFª DOUTORA RITA OCHOA

COORDENAÇÃO: PROFª DOUTORA MIRIAM RUIZ

04 PLANTA DE PISO -1 E CORTE LONGITUDINAL ESCALA 1:200



MORTE, ESPAÇO E MEMÓRIA

TANATÓRIO EM PENAFIEL

JANEIRO 2023

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA (MESTRADO INTEGRADO)

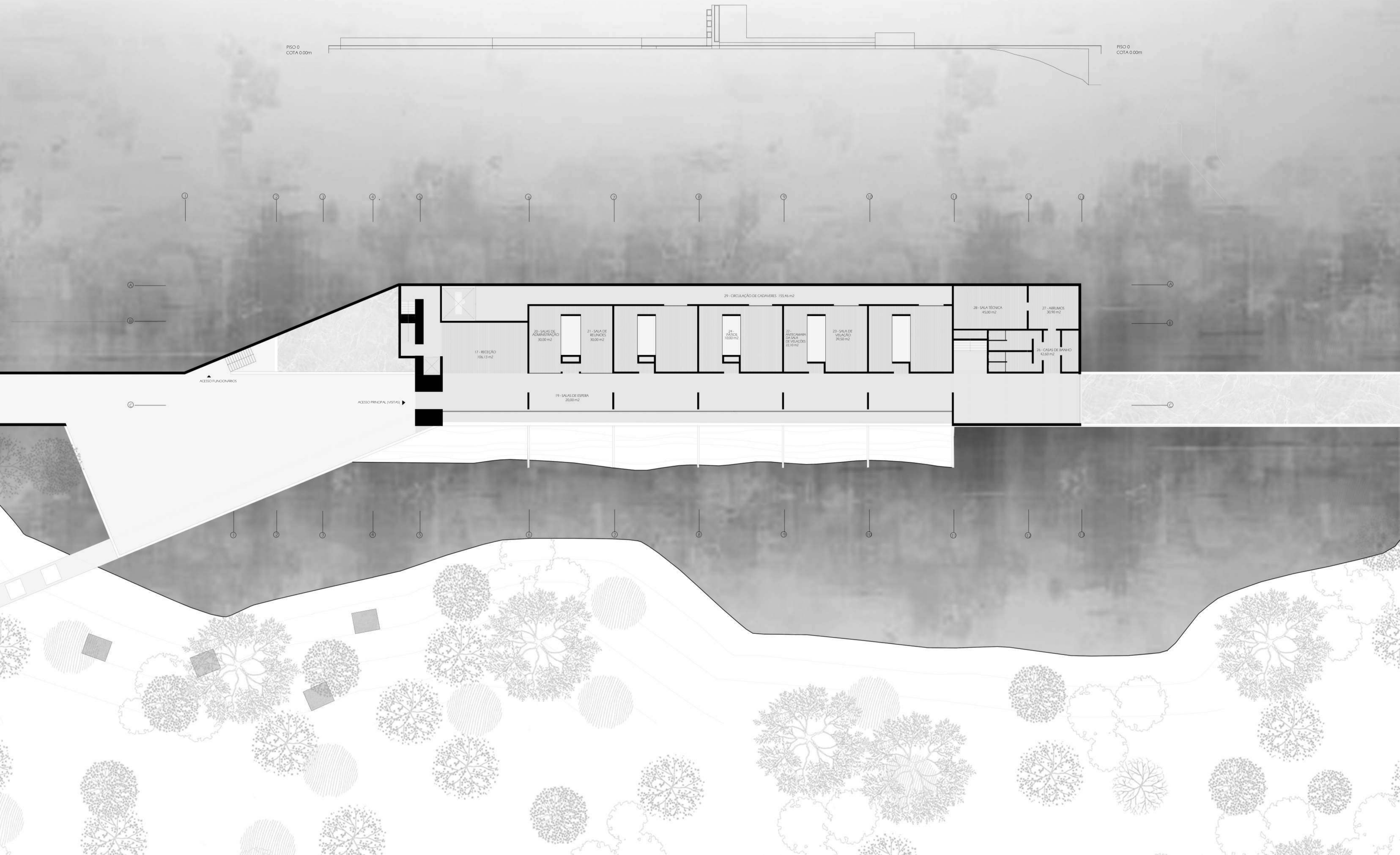
ALUNA: PATRÍCIA DUARTE FERREIRA

Nº: 39941

ORIENTAÇÃO: PROFª DOUTORA RITA OCHOA

COORIENTAÇÃO: PROFª DOUTORA MIRIAM RUIZ

05 PLANTA DE PISO 0 ESCALA 1:200



MORTE, ESPAÇO E MEMÓRIA

TANATÓRIO EM PENAFIEL

JANEIRO 2023

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA (MESTRADO INTEGRADO)

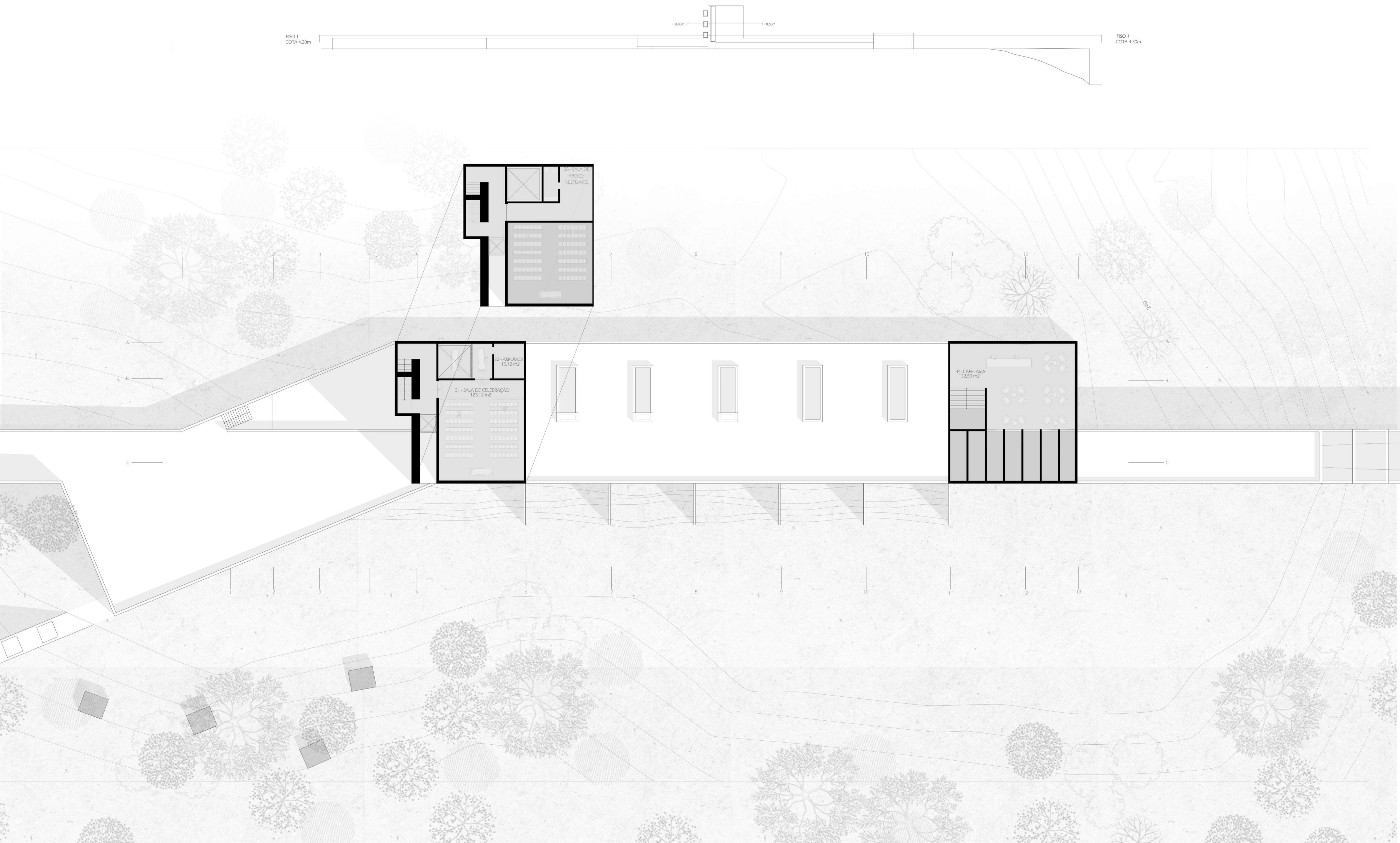
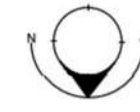
ALUNA: PATRÍCIA DUARTE FERREIRA

Nº: 39941

ORIENTAÇÃO: PROFª DOUTORA RITA OCHOA

COORIENTAÇÃO: PROFª DOUTORA MIRIAM RUIZ

06 PLANTA DE PISO 1 E 2 À ESCALA 1:200



MORTE, ESPAÇO E MEMÓRIA

TANATÓRIO EM PENAFIEL

JANEIRO 2023

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA (MESTRADO INTEGRADO)

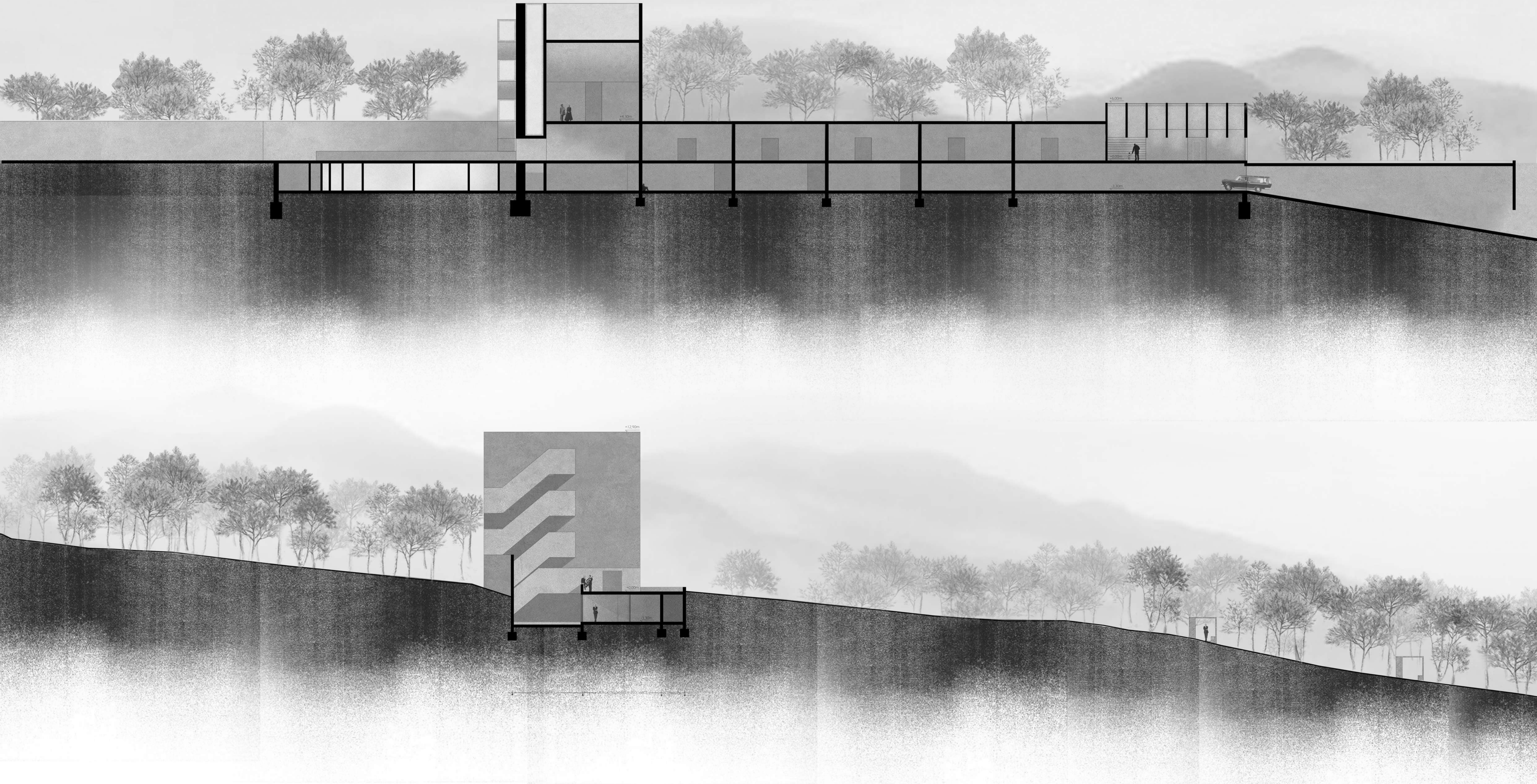
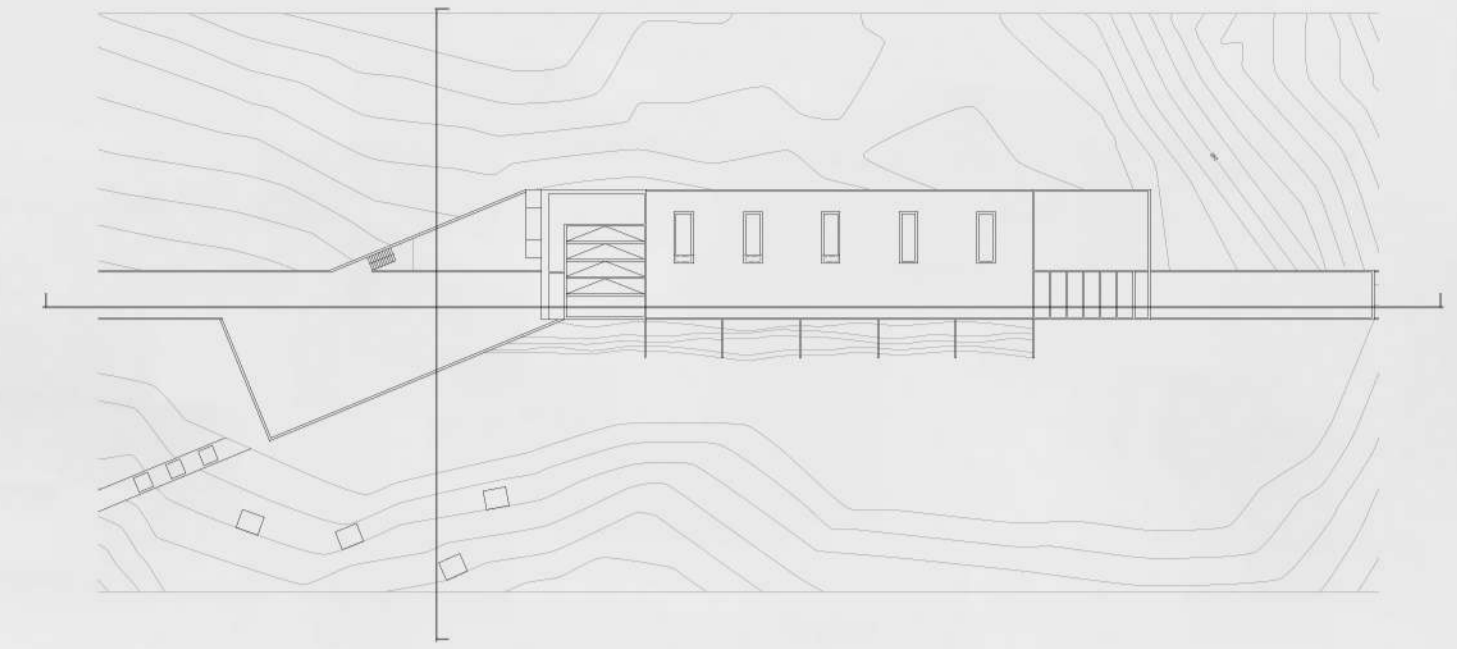
ALUNA: PATRÍCIA DUARTE FERREIRA

Nº: 3994 I

ORIENTAÇÃO: PROFª DOUTORA RITA OCHOA

COORIENTAÇÃO: PROFª DOUTORA MIRIAM RUIZ

07 CORTES LONGITODINAL E TRANSVERSAL ESCALA 1:200



MORTE, ESPAÇO E MEMÓRIA

TANATÓRIO EM PENAFIEL

JANEIRO 2023

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA (MESTRADO INTEGRADO)

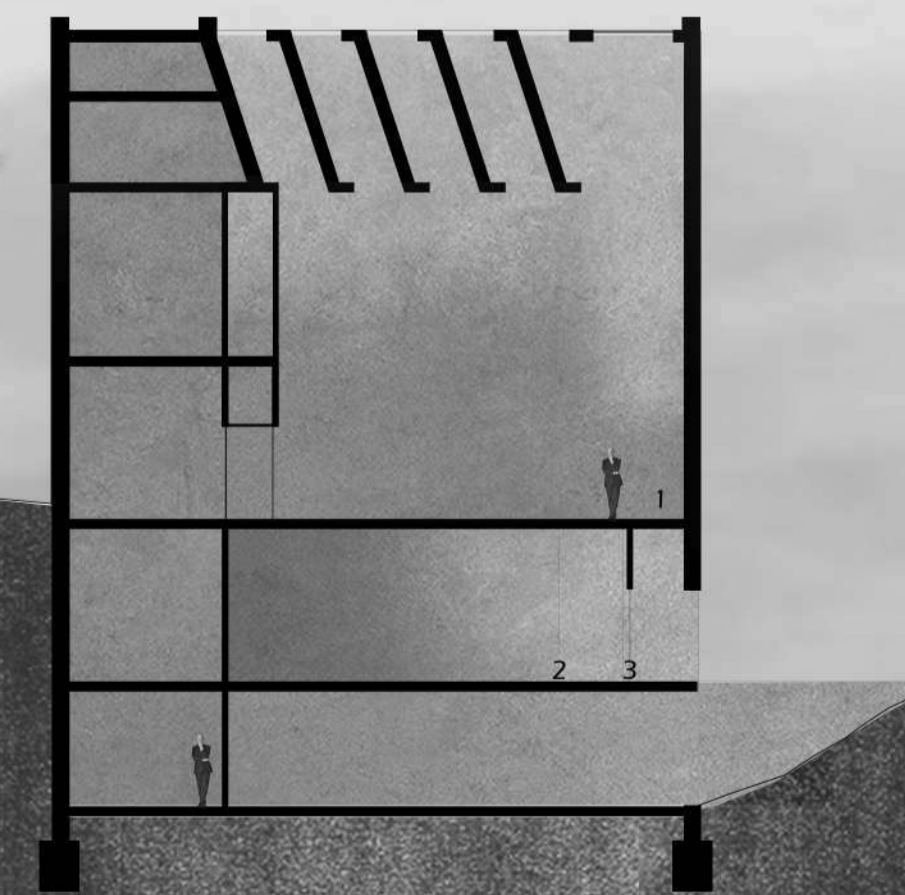
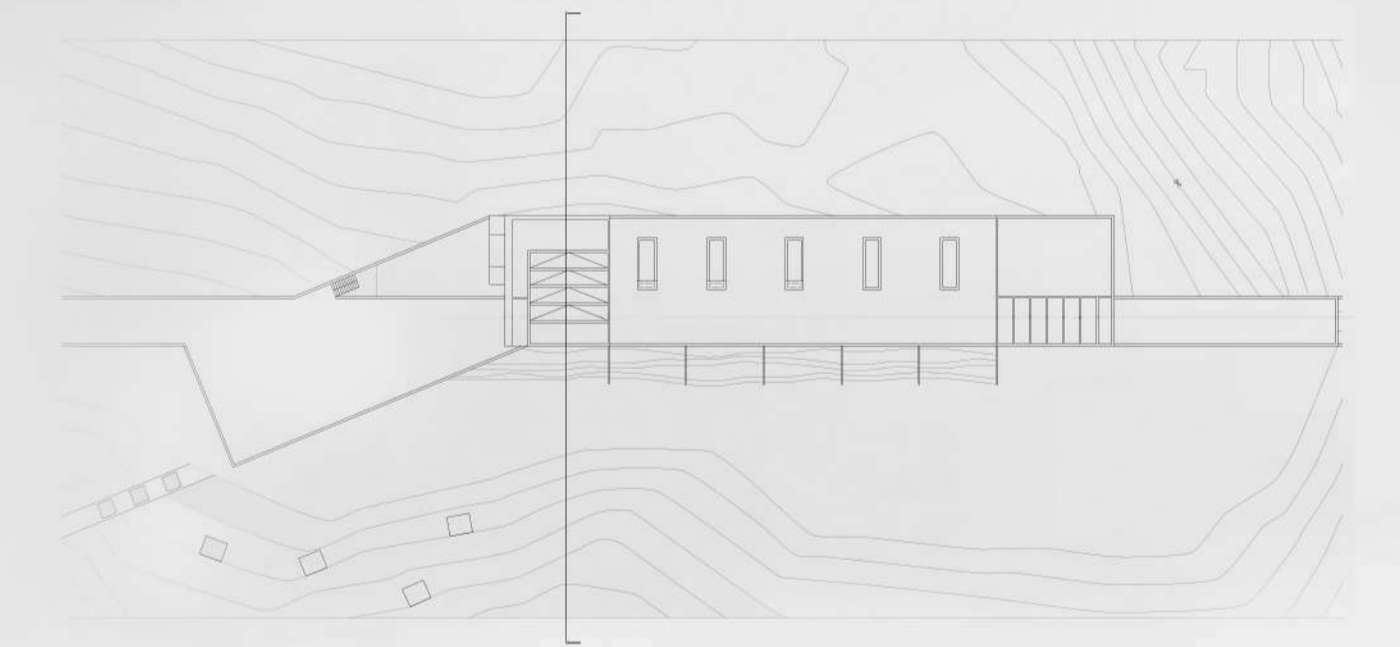
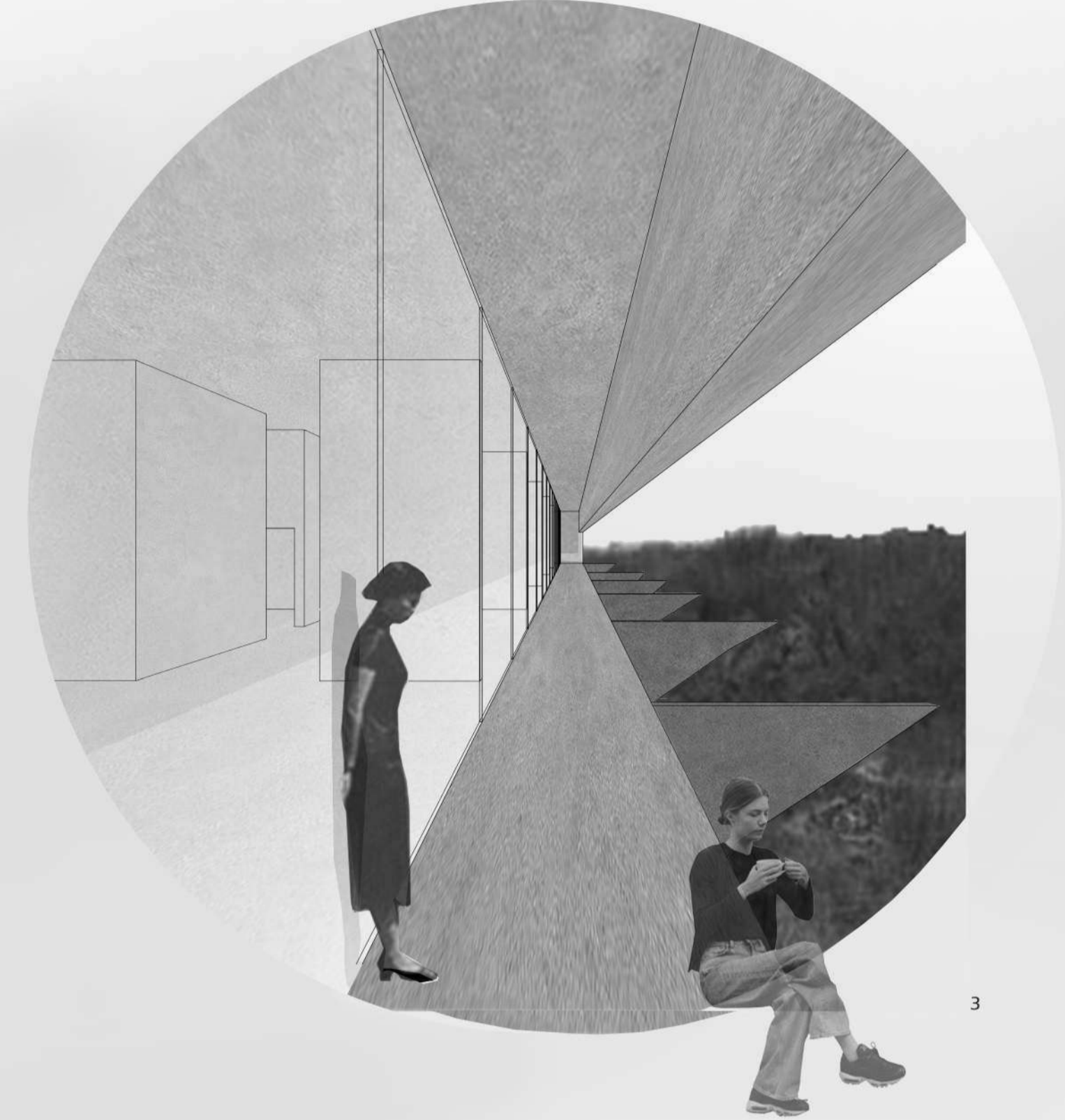
ALUNA: PATRICIA DUARTE FERREIRA

Nº: 39941

ORIENTAÇÃO: PROFª DOUTORA RITA OCHOA

COORIENTAÇÃO: PROFª DOUTORA MIRIAM RUIZ

08 FOTOMONTAGENS DOS ESPAÇOS E CORTE TRANSVERSAL À ESCALA 1:200

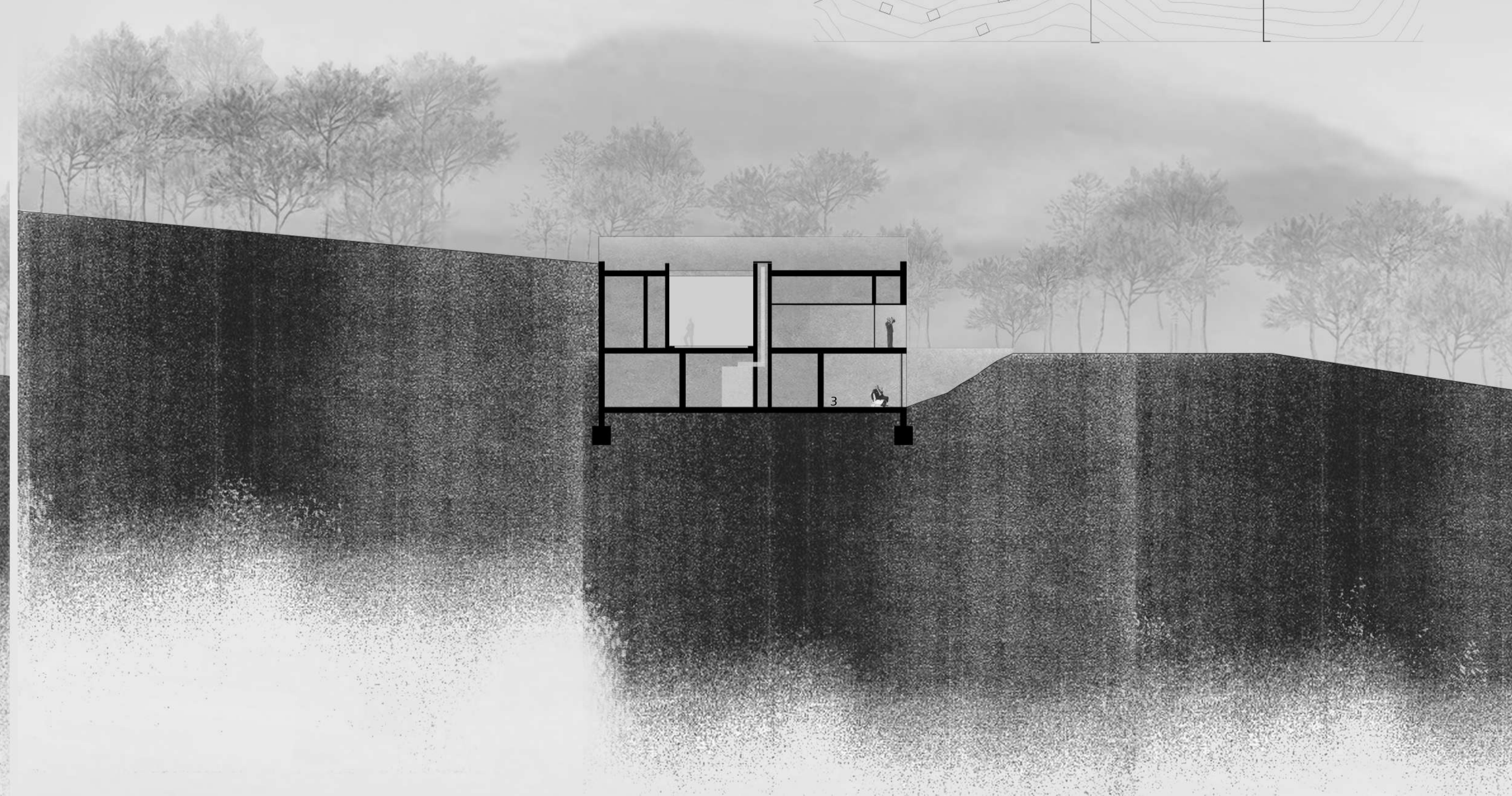
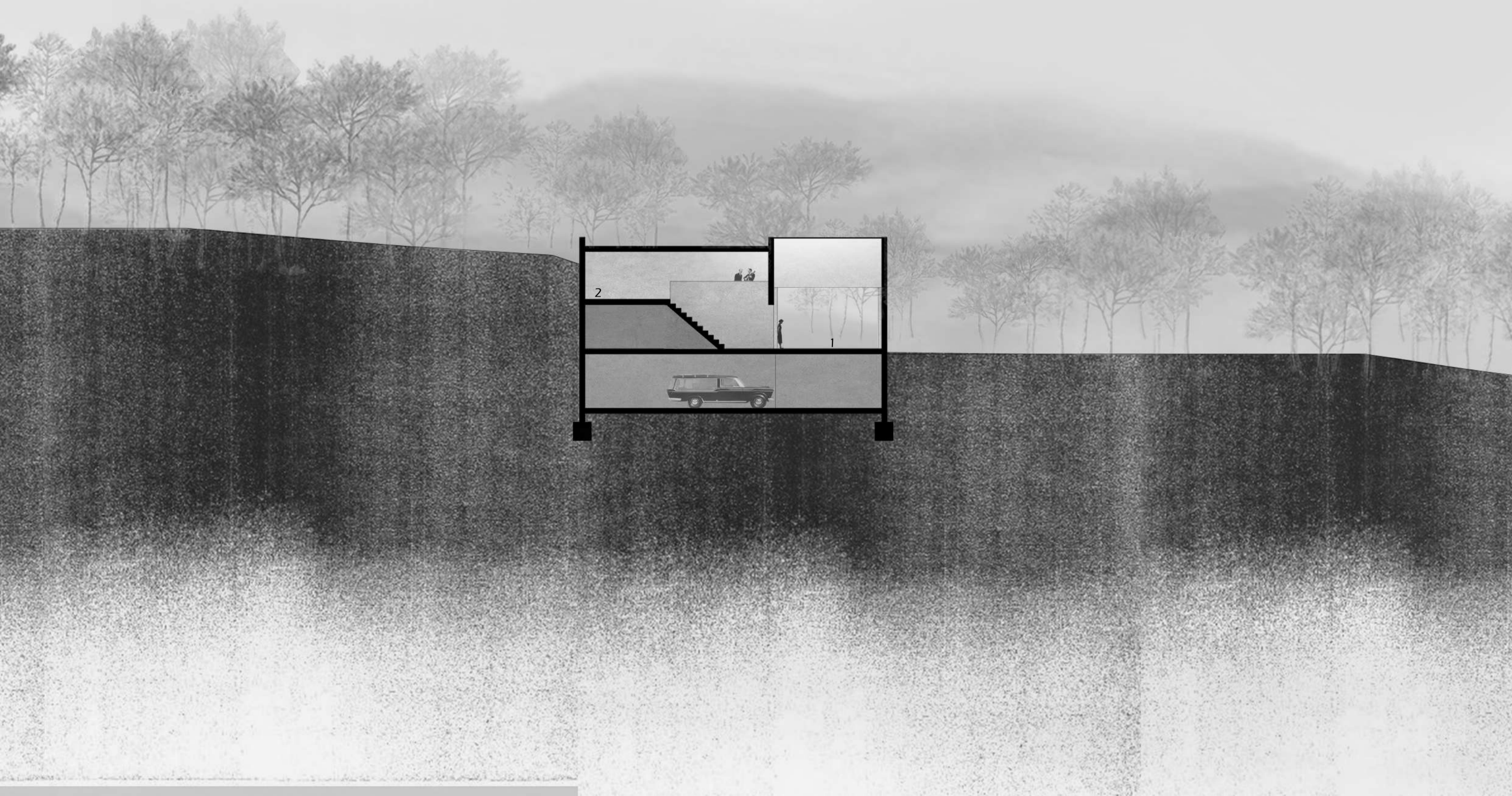
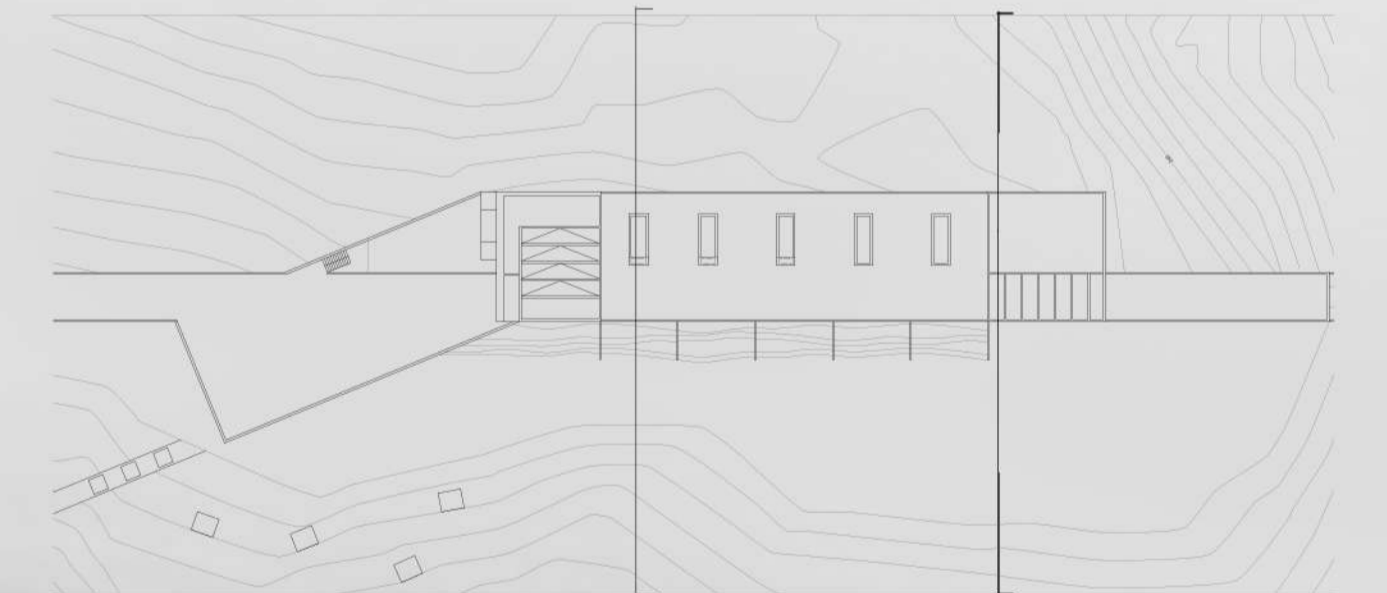
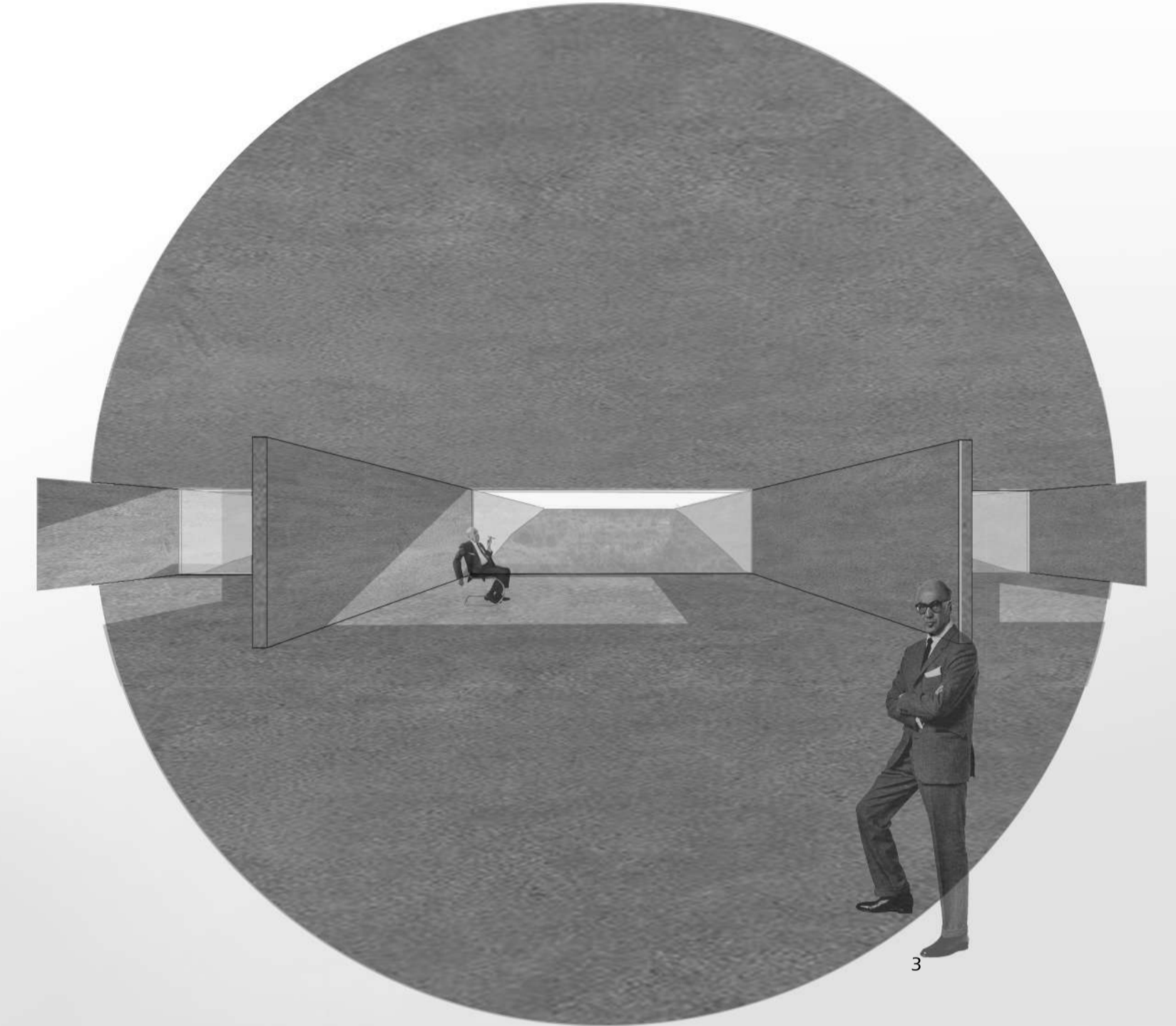
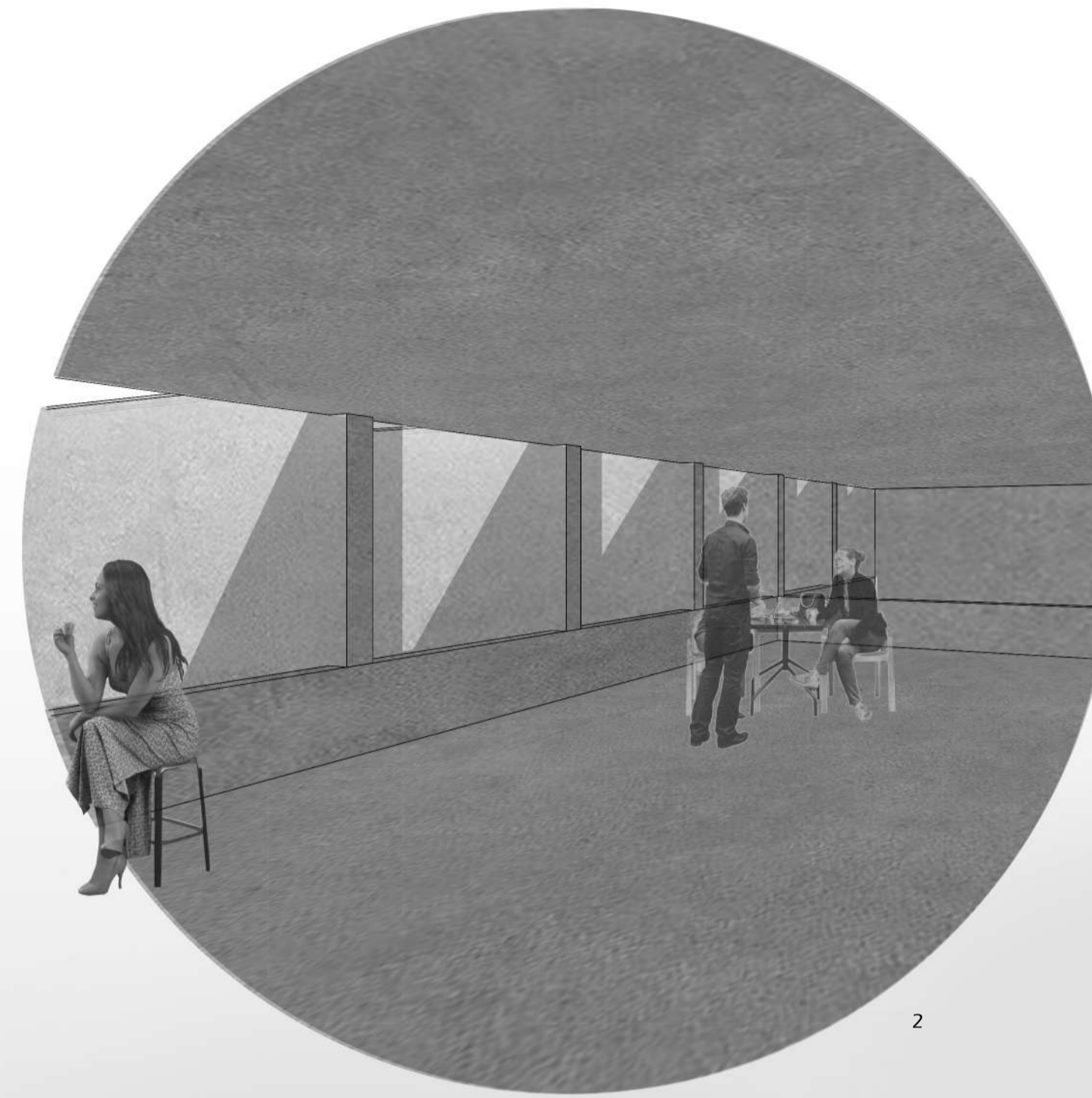
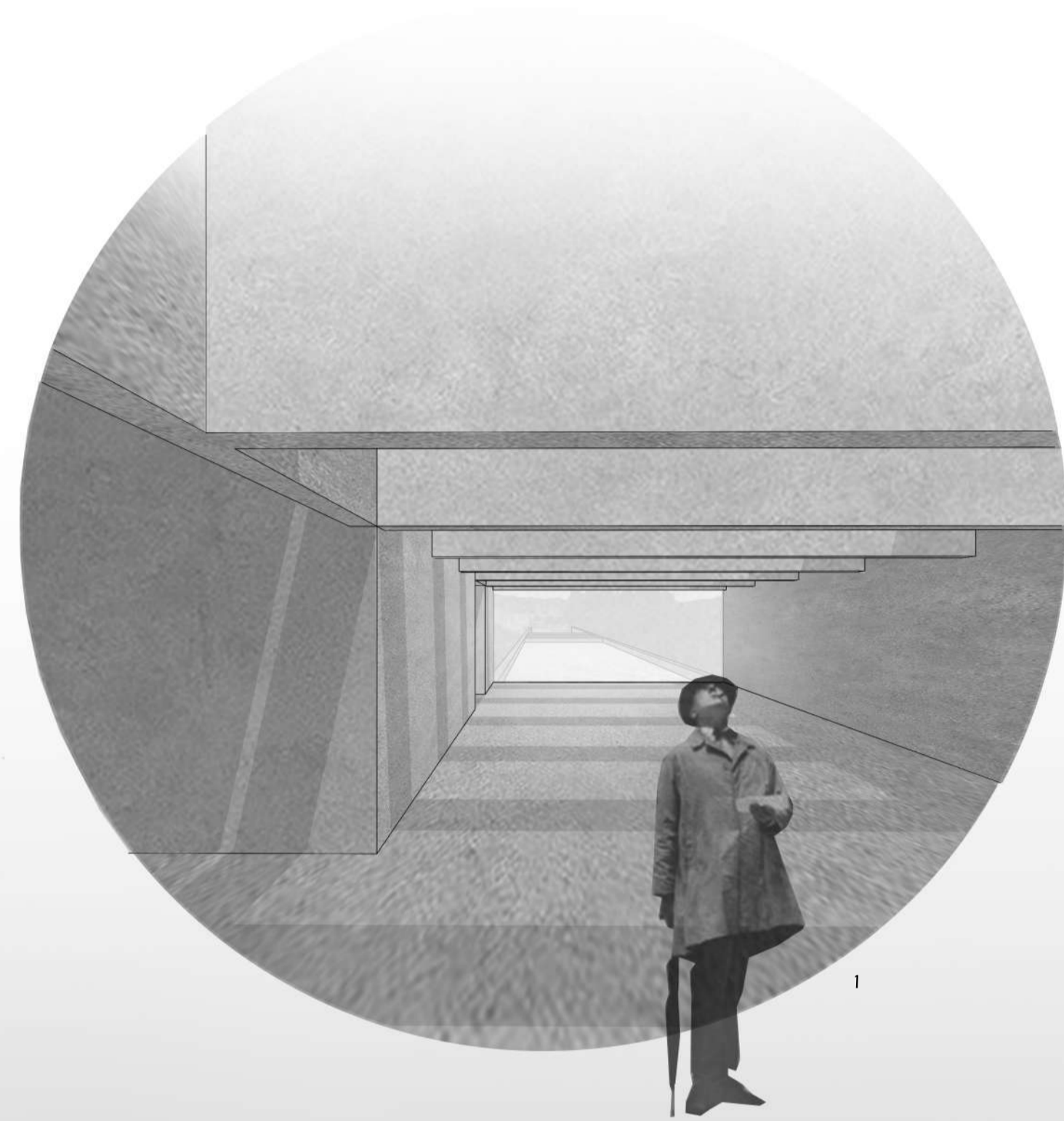


MORTE, ESPAÇO E MEMÓRIA

TANATÓRIO EM PENAFIEL

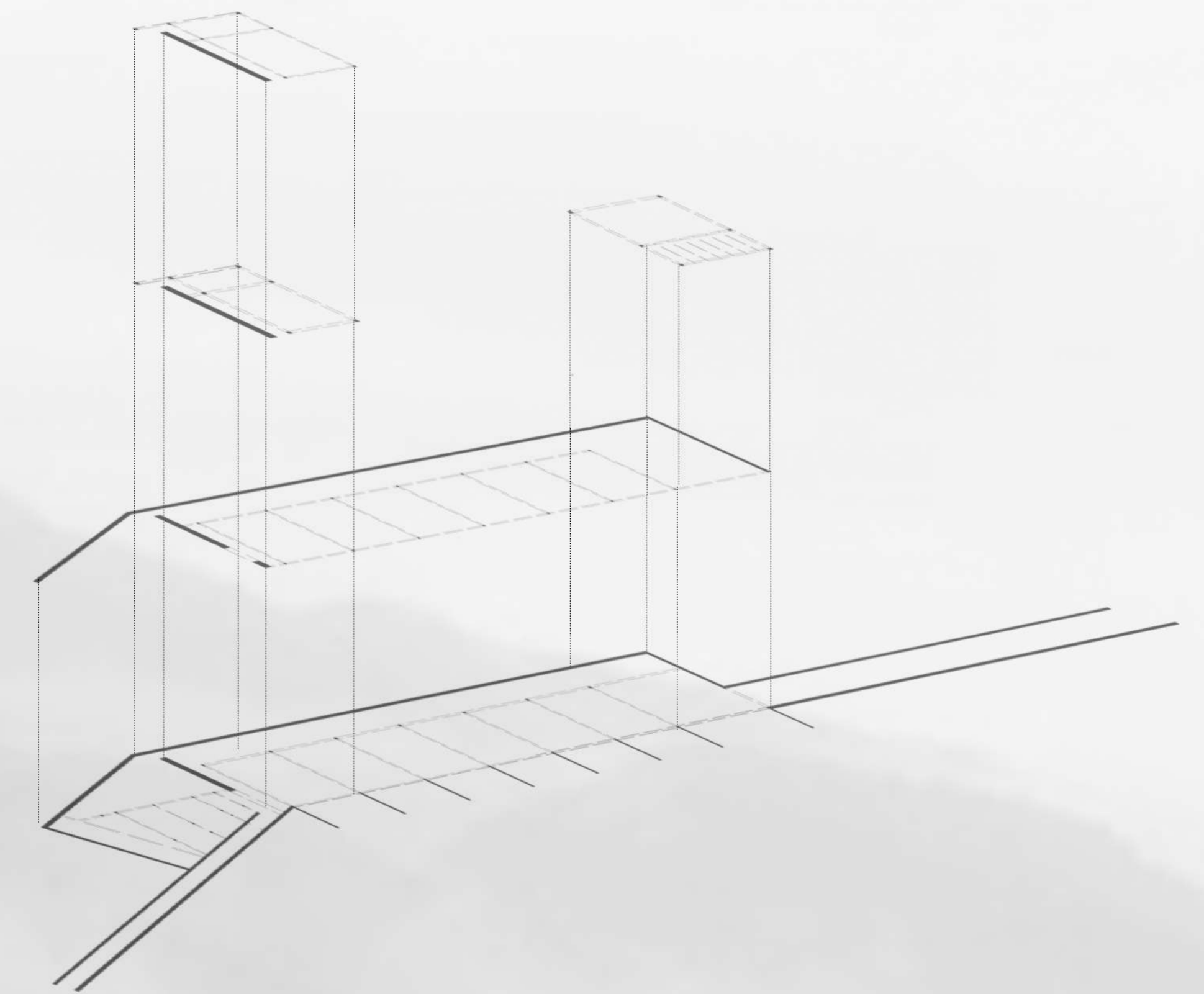
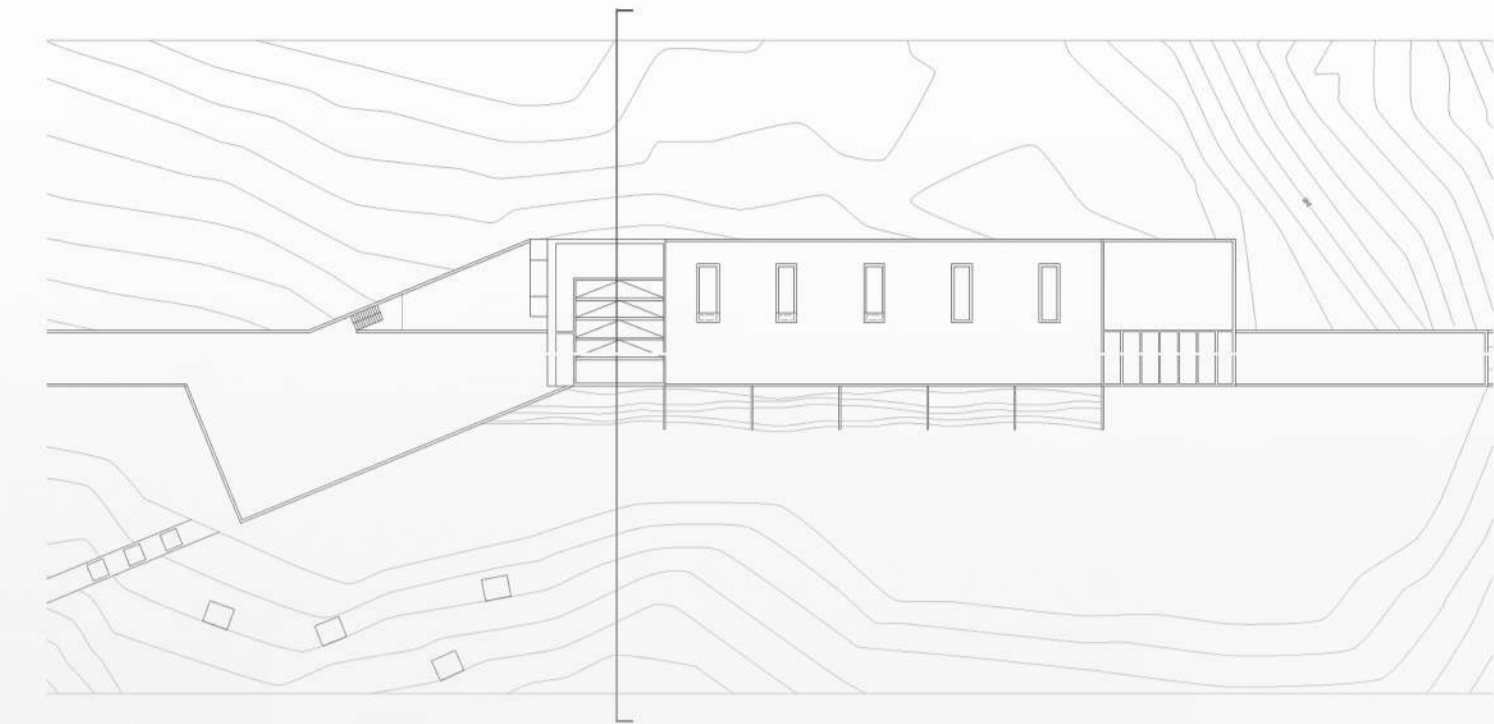
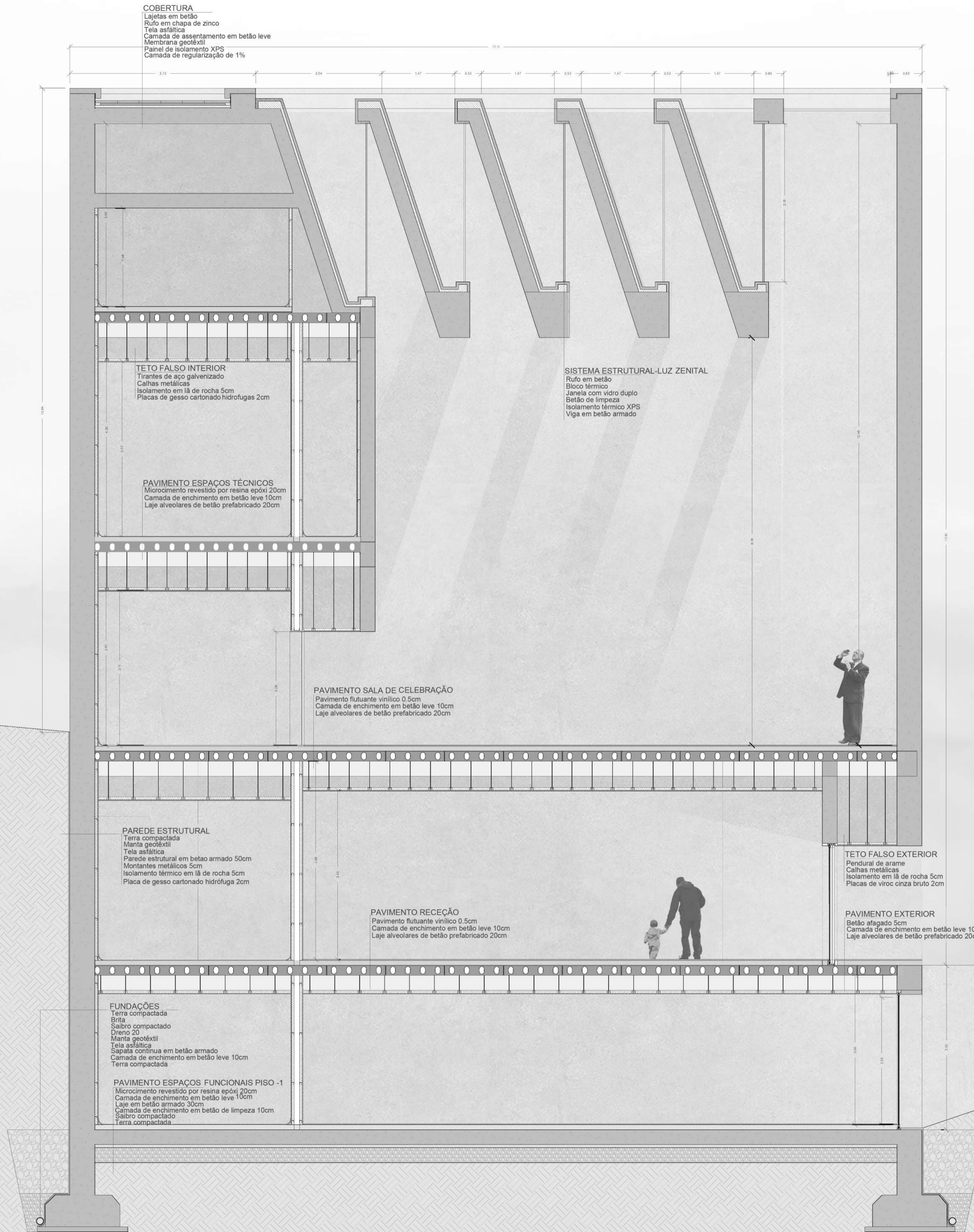
JANEIRO 2023 UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA (MESTRADO INTEGRADO) ALUNA: PATRICIA DUARTE FERREIRA Nº: 39941 ORIENTAÇÃO: PROFª DOUTORA RITA OCHOA COORIENTAÇÃO: PROFª DOUTORA MIRIAM RUIZ

09 FOTOMONTAGENS DOS ESPAÇOS E CORTES TRANSVERSAIS À ESCALA 1:200



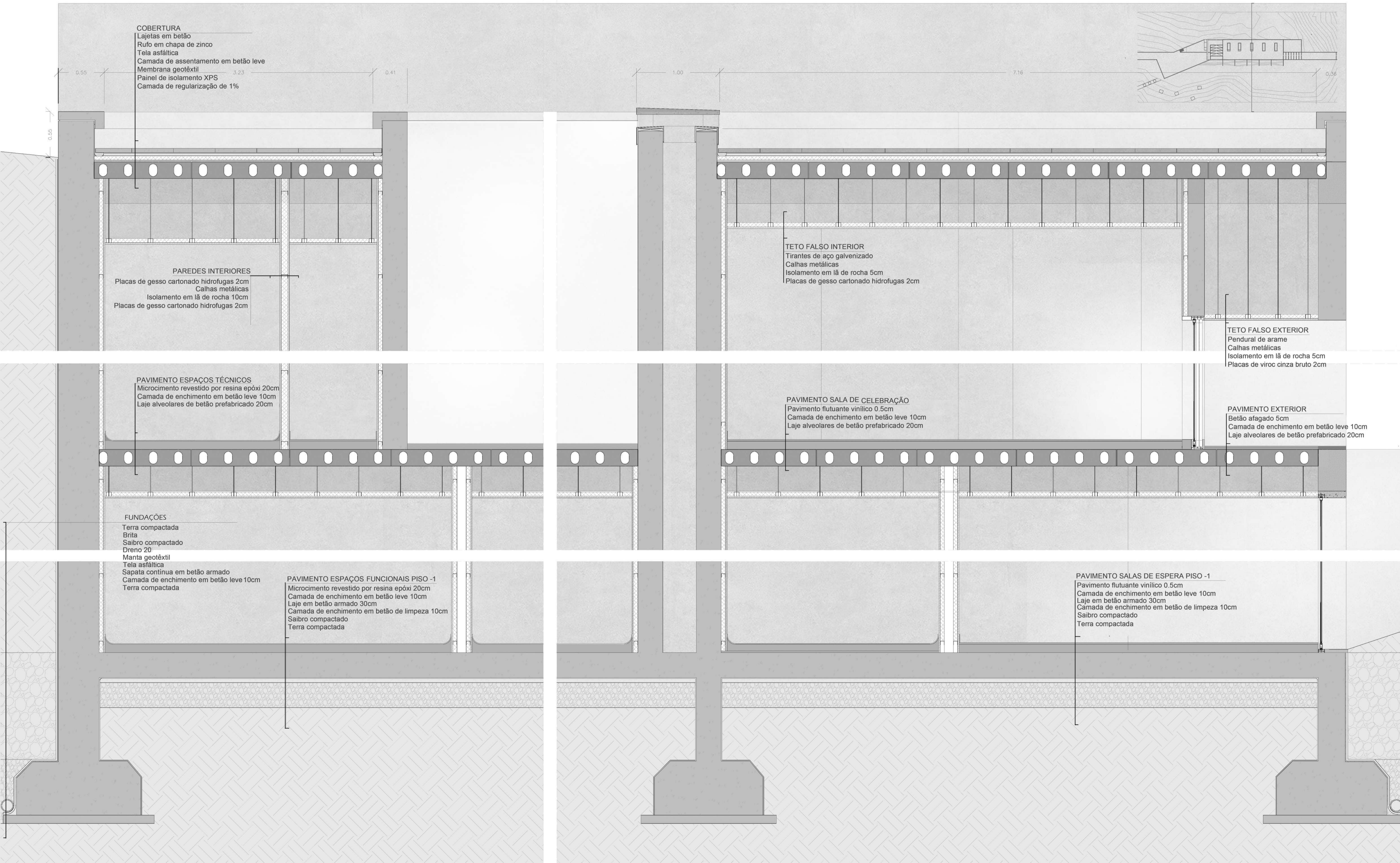
MORTE, ESPAÇO E MEMÓRIA TANATÓRIO EM PENAFIEL

10 DETALHE CONSTRUTIVO ESCALA 1:50



MORTE, ESPAÇO E MEMÓRIA TANATÓRIO EM PENAFIEL

11 DETALHE CONSTRUTIVO ESCALA 1:20



MORTE, ESPAÇO E MEMÓRIA

TANATÓRIO EM PENAFIEL

JANEIRO 2023 UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA (MESTRADO INTEGRADO)

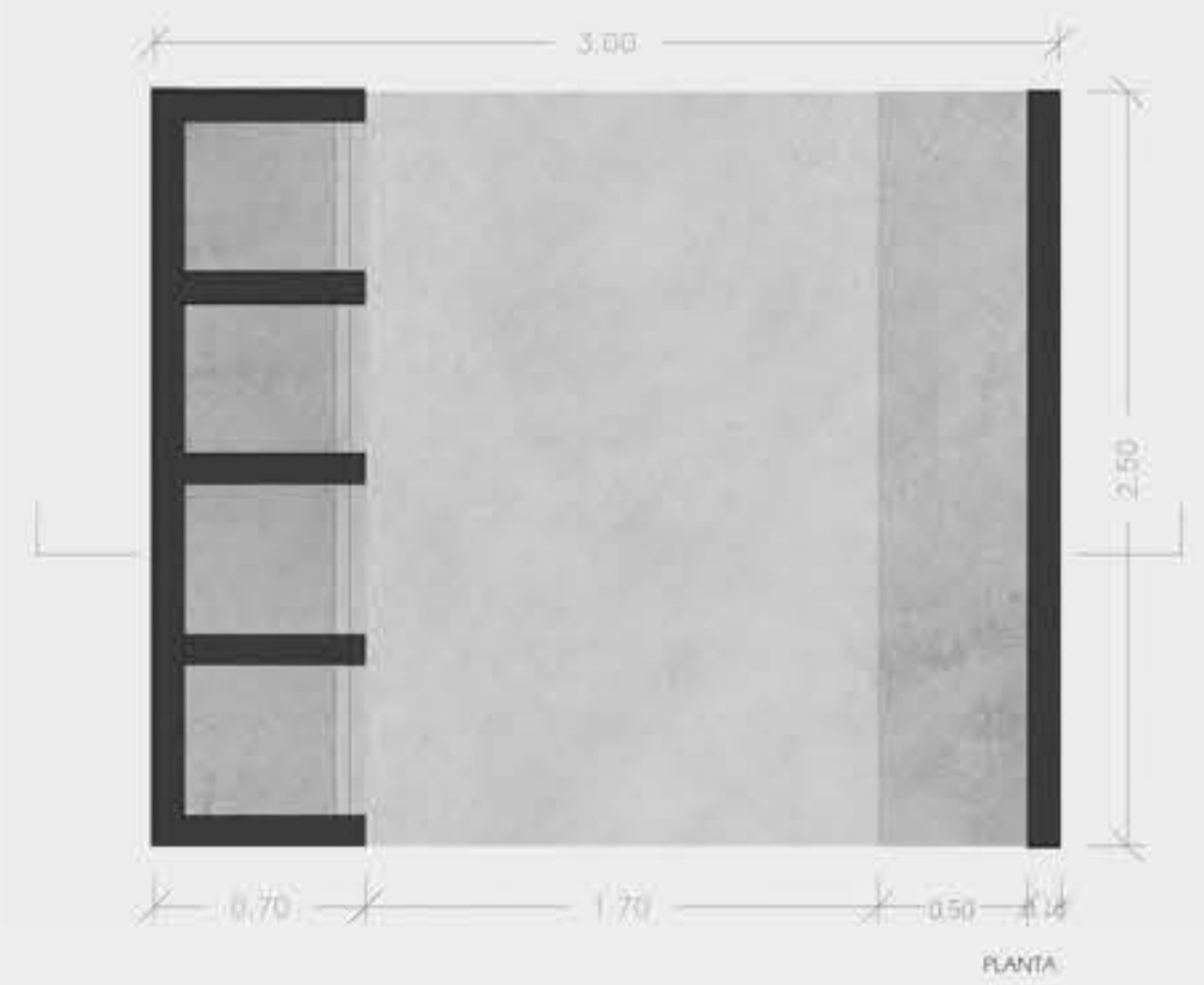
ALUNA: PATRICIA DUARTE FERREIRA

Nº: 39941

ORIENTAÇÃO: PROFª DOUTORA RITA OCHOA

COORIENTAÇÃO: PROFª DOUTORA MIRIAM RUIZ

12 COLUMBÁRIO - ESQUEMAS DE PLANTAS, CORTES, ALÇADOS E VISTAS AXONOMETRICAS



MORTE, ESPAÇO E MEMÓRIA TANATÓRIO EM PENAFIEL

JANEIRO 2023 UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA (MESTRADO INTEGRADO)

ALUNA: PATRICIA DUARTE FERREIRA Nº: 39941 ORIENTAÇÃO: PROFª DOUTORA RITA OCHOA COORIENTAÇÃO: PROFª DOUTORA MIRIAM RUIZ

13 AXONOMETRIA DO VOLUME ESCALA 1:200

